

Jaílson Pereira da Silva
José Adilson Filho

Memórias da Tabosa

Comunigraf Editora
Recife, 2006

© by Jailson Pereira da Silva e José Adilson Filho, 2010

Pesquisa: José Romildo Souza Lemos Júnior
Daniel Brainer

Fotografias: José Roberto de Melo

Revisão: Gilvano Vasconcelos

Fotos da capa: Antiga Feira de Caruaru
(rua 15 de Novembro)
Ônibus da Tabosa, em frente ao
Shopping Caruaru.

Editoração eletrônica: Lourdes Duarte

Impressão:

S586m Silva, Jailson Pereira da
 Memórias da Tabosa / Jailson Pereira da Silva, José Adil-
 son Filho. – Recife : Ed. COMUNIGRAF, 2ª ed., 2010.
 134p. : il.

ISBN 85-88617-78-1

1. EMPRESA TABOSA - CARUARU (PE) - HISTÓRIA.
2. TRANSPORTE URBANO - CARUARU (PE). 3. EMPRE-
SAS FAMILIARES - DIREÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. 4.
EMPRESA TABOSA - EMPREGOS - DEPOIMENTOS. 5.
(FAMÍLIA). 6. CARUARU (PE) - VIDA E COS-
TUMES SOCIAIS. I. Adilson Filho, José - II. Título.

PeR – BPE 06-0427

CDU 656.1/.5
CDD 388.4

Sumário

Prefácio	5
Introdução	7
O ritmo das pessoas e o ritmo das cidades	11
A cidade e os transportes: relações de ritmo	11
Viagens no tempo: histórias do cotidiano caruaruense	14
Memória e Identidade 1: os Tabosa contam suas histórias	19
Narradores e personagens	19
Sobre o dito e o escrito	20
Os atores: Fundadores	21
Seu Nildo	21
Seu Clóvis	31
Seu Rubens	45
Dona Salete	55
Novos atores: Filhos	69
Clemilton Tabosa	69
Chrystianne Tabosa	79
Memória e Identidade 2: os funcionários contam histórias da Tabosa	87
Outros atores: Funcionários	87
Dona Josélia	87
Seu Edmilson	91
Seu Lourinaldo	97
Seu Félix	101
Seu Duda	105
Dona Roselma	107

Conclusão	111
Bibliografia	115
Anexos	117
Anexo 1: Imagens	118
Anexo 2: Perfil da Tabosa.....	131

Prefácio

Sabemos por experiência que cuidar das lembranças, das nossas histórias e dos nossos achados é prestar atenção ao tempo que atravessamos, o qual produz em nós experiências, surpresas, dúvidas e expectativas em relação ao presente e ao futuro próximo.

Quem se percebe no tempo dificilmente se perde na orientação de vida, pois influencia o nosso jeito de lidar com as saudades, com as frustrações, com as experiências de não realização humana em muitos aspectos. Não só. Quem se situa no tempo vai ficando corrediço na vida: esbarra em menos ranços e preconceitos, pois adquire a confiança de que tudo é passageiro, ao mesmo tempo em que descobre que a vida não pára, que a idéia de que possuímos e controlamos tudo e todos/as é ilusória, é auto-engano. Soma-se a isto o ganho em relação ao trato diário da rotina: a vida no dia-a-dia é percebida como não repetitiva, mas como uma aventura sempre aberta a ser buscada e vivida.

Esta breve reflexão em relação ao tempo pretende apenas situar a importância do registro da Empresa TABOSA nestas páginas que seguem. Esta iniciativa empresarial põe-nos a pensar acerca do tempo, da nossa estada no mundo, bem como do significado de tudo aquilo que estamos construindo, degustando e atravessando.

Este registro traz algumas características muito próprias: a primeira delas é o caráter de família, ou seja, uma iniciativa empresarial realizada e mantida por um grupo familiar cujas motivações, apesar dos conflitos inerentes às estruturas de trabalho ligadas pelo lastro afetivo, são permeadas pela noção de missão institucional, isto é, o desejo de continuar prestando um serviço interurbano. A segunda característica é a participação ativa dos colaboradores na memória da Empresa: a noção de família também os alcança. Isso acontece de modo efetivo, no labor diário e não para fins ilustrativos. Por fim, é a primeira empresa caruaruense de transportes urbanos que ousa registrar a sua história, os seus percalços. Ela abre a primeira porta permitindo-se ser vista e revista por pesquisadores, por olhares externos: atitude de coragem, ousadia e ineditismo na região.

Neste panorama, inaugura-se um novo tipo de relação entre a Empresa, a sociedade civil e a comunidade acadêmica, no caso, a FAFICA. O conhecimento passa a ser visto como relevante para a vida, para o crescimento das pessoas e para o desenvolvimento sustentável. A FAFICA, por sua vez, sente-se honrada pela parceria estabelecida e pelo voto de confiança da Empresa Tabosa, de onde partiu a feliz e inusitada iniciativa.

Nossos expressos agradecimentos à equipe que dinamizou e efetivou esta Pesquisa: os estudantes de História José Romildo Junior e Daniel Brainer, na elaboração e transcrição das entrevistas; os professores José Adilson Filho e Jaílson Pereira da Silva, pela implementação da Pesquisa: os caminhos metodológicos e a leitura analítica dos dados obtidos. Nossos aplausos ao Núcleo de Pesquisa da Faculdade, que tem levado adiante a Iniciação Científica: chão exercitador de novos pesquisadores.

Enfim, nossas congratulações à Família Tabosa, pelos laços construídos e pela nova configuração empresarial que a mesma tem adotado enquanto postura profissional e cidadã.

Pe. Everaldo Fernandes da Silva.
Diretor da FAFICA.

Introdução

Narrar ou contar histórias tem sido uma das mais fecundas atividades humanas. Trata-se, pois, de tecer enredos sobre experiências vividas no passado e no presente. Nos tempos atuais, cresce expressivamente o interesse pela história. Contar, ouvir, imaginar e criar narrativas é algo que transcende as temporalidades e as gerações. Mergulhar nos labirintos da história, todavia, invoca algo mais do que a busca do simples prazer narrativo, pois também procura reconstruir sonhos, desejos, projetos, alegrias experienciadas ao longo do tempo.

Assim, a arte da narrativa constitui-se num meio de transformação dos nossos “*silêncios*” em palavras que nos permitem visualizar e, por vezes, eternizar fragmentos das nossas existências. Sem a narrativa, portanto, o vivido corre o risco de esvaziar-se e perder-se no esquecimento.

É este reconhecimento da importância de se historiar o vivido que tem levado uma pluralidade de atores (tais movimentos sociais, partidos políticos, organizações empresariais, sindicatos) a buscar o apoio de instituições e profissionais afeiçoados à pesquisa sobre a história e a memória, no sentido de terem suas trajetórias reconstruídas.

Exemplo disso é a “*Família Tabosa*”, proprietária, há mais de 30 anos, de uma empresa de transporte coletivo na cidade de Caruaru – PE, que através de parceria firmada com a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA), desenvolveu um projeto cujo principal objetivo foi organizar as narrativas que davam sentido às histórias da família/empresa.

O presente livro é, portanto, o resultado do encontro en-

tre múltiplos atores cujas vidas, de uma forma ou de outra, estão ligadas à Viação Tabosa. São, em essência, narrativas construídas pelos familiares (pais, filhos e irmãos) e funcionários que tecem a pequena epopéia da empresa - marcada não só pelo sucesso imediato, mas também por grandes dificuldades. Tais obstáculos, a despeito de se constituírem em motivo para o desânimo, estreitam laços de unidade e de criatividade, preparando-os melhor para os desafios do futuro.

Os passos da Tabosa estão resumidos aqui em três momentos. O primeiro, intitulado “*o ritmo das pessoas, o ritmo das cidades*”, discute como se dá a articulação entre as experiências dos cidadãos e a materialidade do progresso das cidades. Procura-se, então, entender como tais experiências podem ser percebidas a partir da dinâmica de objetos que cartografam e redefinem nossas relações com os espaços urbanos. O cenário histórico onde se desenrola a trama desse enredo é a cidade de Caruaru entre as décadas de 1960-1990, momento marcado por um significativo processo de modernização e que, simultaneamente, assinala o início da inserção da família Tabosa nas atividades vinculadas à área dos transportes coletivos.

Nos capítulos seguintes, os atores entram em cena, tomam a palavra e assumem mais diretamente seu protagonismo. Primeiramente, “*Memória e identidade 1: Os Tabosa contam suas histórias*”. Aqui constam as falas dos fundadores: “Seu Nildo”, “Seu Clóvis” e “Seu Rubens”. Os Três irmãos que tornaram possível a realização de um desejo há muito perseguido por seu Nildo, desde o tempo em que trabalhava como cobrador e “fiscal de linha” da Empresa de Transportes Coletivos Caruaruense. Mas não poderíamos deixar de destacar a presença de “Dona Salete”, esposa de seu Nildo, cuja sensibilidade e perspicácia contribuíram para ampliar o espaço das mulheres na empresa.

Ainda no segundo momento, a trama desenrola-se mediante a participação da nova geração. Ao longo deste capítulo, encontraremos relatos que explicitam momentos referentes a temas diversos, como o crescimento da cidade e o desenvolvimento da empresa; a relação entre a família e a empresa Tabosa; as conquistas e seus percalços.

No terceiro momento, “*Memória e identidade 2: os funcionários contam histórias da Tabosa*”, a trama é a mesma, mas os atores são outros. A história agora é contada sob as perspectivas de alguns funcionários. Pode-se perceber, a partir dessas narrativas, os significados que os mesmos atribuem a sua relação com a empresa.

As falas desses múltiplos atores, embora enunciadas de lugares diferentes, buscam, enfim, elucidar a participação que cada um deles teve/tem na construção da história da Empresa Tabosa.

Ao final do trabalho, acrescentamos algumas imagens que nos ajudam a compreender a história da Tabosa. São fotografias que expressam diferentes momentos do cotidiano. Algumas remontam aos tempos iniciais da empresa: são instantâneos dos velhos itinerários, dos “*pontos dos ônibus*”, da antiga paixão de “Seu Nildo” pelos transportes.

Outras imagens retratam histórias mais recentes. São registros que denotam uma preocupação da Tabosa com questões sociais (como o meio ambiente e a terceira idade) e também exemplificam práticas vivenciadas no cotidiano da empresa. (celebrações do Dia das Mães, das Crianças, confraternizações dos seus diretores e colaboradores, etc.).

O ritmo das pessoas e o ritmo das cidades

A cidade e os transportes: relações de ritmo

As cidades têm os seus ritmos. No seu viver cotidiano, o compasso da sua existência é marcado pelo caminhar dos transeuntes que, no seu dia-a-dia, cortam os espaços com seus corpos apressados, abrindo as trilhas que, com o tempo, permitirão a construção dos sentidos históricos.

Não apenas os indivíduos, mas também os objetos assinalam esses ritmos das cidades. Os relógios, por exemplo, presos aos pulsos, bolsos de algibeira ou estampados em espaços públicos, são representativos disso. São eles que substancialmente materializam esse tempo da modernidade no qual a cultura se sobrepõe à natureza. São eles que no mais das vezes nos esclarecem se devemos ou não apressar o passo. Isto porque o controle e a marcação do tempo são realidades presentes no cotidiano daqueles que se aproximam das vivências modernas.

Ao longo do século XX, as cidades passaram por transformações que redefiniram sua função e aparência. Tornaram-se a principal morada dos homens. Espaço de materialização dos sonhos e desejos. Modernizaram-se; tornaram-se “*novas*” cidades. Esse processo redefiniu a fisionomia e o corpo das cidades, deixando-as mais complexas e atraentes.

No ritmo dessas novas cidades, os transportes são instrumentos essenciais. Eles são, a um só tempo, matéria e metáfora da maneira de ser de uma cidade. De uma só vez, eles denunciam e participam do seu crescimento. São elementos construtores das identidades dos cidadãos que, cotidianamente, interagem com carros, motos, carroças, bondes, trens, e que, na disputa pelos trajetos, constroem suas relações com os espaços. Enten-

der, portanto, o funcionamento dos transportes de uma cidade é também, em grande medida, perceber a sua própria existência. Perceber como uma cidade se locomove é, do mesmo modo, perceber como ela se apresenta aos olhos daqueles que a frequentam.

Nas cidades modernas, o automóvel assumiu um papel primordial na definição da nossa maneira de ser. Ele deu forma a essa necessidade de velocidade tão comum à modernidade. Trouxe visibilidade à pressa do ser moderno. Consolidou-se como o objeto por excelência capaz de corrigir a fragilidade do corpo humano no que se refere à velocidade¹; e assim, rapidamente, impôs-se sobre outras formas de locomoção.

De um caráter inicialmente individualista, o automóvel, ao longo do século XX, transformou-se também em transporte coletivo. Os “ônibus” tornaram-se um espaço privilegiado para convivências e encontros que marcam a vida moderna. Primeiro, foram as velhas “sopas”, que ainda habitam o imaginário de sujeitos diversos que cresceram convivendo com aqueles transportes precários de horários e itinerários construídos ao sabor dos eventos que implodiam no cotidiano. Depois, um processo de padronização ganhou corpo e o sistema de transportes coletivos teve que conviver com novas regras.

“Andar” de ônibus é frequentar um laboratório social.

Espaço de sociabilidades, os ônibus servem como objeto e sujeito de diversas histórias. Neles se iniciam e se encerram amores, fazem-se amizades diversas, desenrolam-se relações

¹ Cf. SILVA, Jailson Pereira da. *O encanto da velocidade: automóveis, aviões e outras maravilhas no Recife dos anos 20*. Recife: Dissertação de mestrado em história (UFPE), 2002.

de poder, encontram-se distintas visões de mundo.

O ônibus é, também, um espaço de captura das imagens das cidades. Afinal, por que gostamos tanto de sentar próximo às suas janelas? Porque o “*estar ali*” constitui-se numa experiência fundada a partir de um lugar privilegiado para as observações dos signos que marcam a existência da cidade. Mas de que maneira capturamos essas imagens pela janela dos ônibus? Talvez, como espectadores de um filme cuja magia sobrevém da velocidade com a qual as imagens se projetam e se sucedem bem a nossa frente. As imagens da cidade movimentam-se à medida que nos deslocamos. Para o passageiro/espectador, a cidade pode ser vista como uma grande tela onde se projetam aspectos das relações cotidianas.

Embora tenham seu itinerário previamente traçado, numa viagem de ônibus — os usuários o sabem muito bem — os espaços do imprevisível não se anulam. As imagens se repetem, porém nunca são as mesmas, pois entre a monotonia da espera e pressa da viagem as possibilidades de surpresa sempre podem operar situações inesperadas.

Viagens no tempo: Histórias do cotidiano caruaruense

Caruaru, segunda metade do século XX. Emblemas do crescimento espalham-se na cidade. Indústrias, Instituições de Ensino Superior, lojas, cinemas, bancos, aumento do número de telefones. Tudo contribui para a modificação do cotidiano da cidade. No ritmo do progresso, os cidadãos reconstróem sua relação com os espaços, ressignificando lugares nos quais as suas experiências de vida são construídas. Nesse processo, “*a novidade*”, “*o novo*”, se constitui como símbolo que materializa a nova face da sociedade, marcada pelo desejo de modernização.

Modernizar, mudar constantemente, torna-se uma espécie de “*idéia fixa*”. É preciso acompanhar o ritmo das transformações que se operam nas grandes cidades, para consolidar a posição de destaque que Caruaru já ocupa no cenário pernambucano.

Nos jornais da época, destacam-se notícias que enunciavam essas práticas modernizantes. Comemorava-se a chegada de novas indústrias. O jornal “*A Defesa*” de 03 de janeiro de 1959, por exemplo, destaca em sua manchete principal a expectativa da instalação da fábrica de refrigerantes Coca-Cola:

“AINDA ESTE MÊS A FABRICA PRODUTORA DE COCA-COLA INAUGURARÁ SUAS MODERNAS INSTALAÇÕES NESTA CIDADE”

Segundo a notícia, “*o empreendimento é notável e Caruaru lucrará em contar com mais uma indústria de grande vulto no seu já grande e conceituado parque industrial*”.²

² Jornal A Defesa (03/ 01/ 1959, p. 01)

Noutra reportagem, essa já em 1965, era estampada uma manchete com o seguinte título:

“MAIS UMA INDÚSTRIA QUE SURGE:
CIPAN – PRODUTOS DO AGRESTE PARA
TODO O NORDESTE”.

“Construída em uma área de 1.800 metros quadrados, na Rua Leão Dourado, nesta cidade, a Fábrica CIPAN é um monumento de construção, dotada dos mais modernos requintes da arquitetura, com estruturas metálicas elaboradas em bases sólidas e concretas. Mas de que valeria uma boa fábrica, sem máquinas que corresponderem aos anseios dos que desejam dotar Caruaru de uma indústria digna do progresso da região”.³

Inúmeros são os exemplos contendo discursos e imagens que apontam na mesma direção das duas reportagens destacadas acima, reiterando o progresso da cidade de Caruaru.

Nem sempre, porém, esse progresso foi compartilhado e percebido da mesma forma pelos diversos atores sociais. O afã desenvolvimentista revela ambigüidades e contradições. A cidade não seguiu caminhos lineares. Os cidadãos foram tocados de diferentes formas por esse processo modernizante. Assim, aqui e ali convivem, simultaneamente, discursos de louvor e euforia com outros de ceticismo e rejeição. Os cenários urbanos se revelam ambivalentes, sendo possível perceber a cidade como um espaço que congrega múltiplas vozes e sensibilida-

³ Jornal A Defesa (03 de Abril de 1965, p. 04.)

des. E tais sensibilidades podem, também, ser vistas nas críticas e reivindicações que parte dos habitantes fazem aos governos municipais. Numa destas reivindicações, por exemplo, moradores do Salgado (bairro mais populoso de Caruaru) exigiam mudanças na qualidade do transporte coletivo:

*“É preciso que o governo do município tome as providências cabíveis ao caso, exigindo melhor trato dos concessionários ou por outro concedendo campo aberto para quem quiser explorar aquela linha que é a segunda em movimentação da cidade. O preço da passagem que é cobrado em Caruaru é suficiente para os proprietários garantirem aos passageiros conforto, delicadeza e rapidez coisa que até agora não se viu ainda. O cardápio do transporte urbano de Caruaru é ca-ta-bio, cara-feia e massada”.*⁴

Às vezes, algumas destas sensibilidades nos surpreendem pela violência simbólica das suas formas de representação, pois compreendem a cidade como um espaço geométrico e disciplinado, no qual não cabem atores que não se enquadram nos perfis sociais previamente definidos como adequados por aqueles que na cidade representam a “ordem”. Assim, são marginalizados mendigos, prostitutas, feirantes, barraqueiros e crianças de rua, porque simultaneamente simbolizam, naquele imaginário, o perigo à ordem social e a poluição visual de uma “*urbs*” que busca ser moderna.

⁴ Jornal A Defesa, (20 de fevereiro de 1965, p.

Essa situação é confirmada através da regularidade com que a temática é apresentada nos jornais da cidade. Ilustrativa disto é, por exemplo, a coluna “*Tópicos da Cidade*”, publicada no jornal A Defesa de 09 de janeiro de 1965:

“A MENDICÂNCIA CONTINUA”

*“A cidade está sendo invadida ultimamente por uma onda de mendigos que aproveitaram as festas de fim de ano e arrecadaram alguns cruzeiros para o seu sustento (...) agora, os tempos mudaram para pior. Nas ruas centrais da cidade, pelas portas das casas comerciais, lá estão de plantão mulheres carregadas de crianças, aleijados e cegos de toda natureza. Dando a quem passa pelas ruas a mais terrível impressão de miséria. A diretoria da Casa dos Pobres não poderia tomar as providências”.*⁵

As diversas perspectivas que se projetam sobre a cidade de Caruaru nos mostram como a sua identidade foi socialmente arquitetada: numa disputa de projetos e desejos nem sempre compartilhados por todos.

Nessas histórias que enfatizam mudanças, no entanto, as permanências se fazem presentes. Questões e temas se repetem e adquirem, constantemente, outros significados. Caso exemplar é a problemática do ordenamento da feira da cidade, um dos mais fortes emblemas de Caruaru. Em 1959, uma coluna do Jornal A Defesa trazia o seguinte texto:

⁵ Jornal A Defesa (09/ 01/ 1965- p. 02)

*“há muito que se vem tratando da questão da feira de Caruaru e da sua localização apropriada... mudar a feira de Caruaru, limpando o centro da cidade, facilitando o trânsito e desafogando um pouco o movimento urbano, é uma imperiosa questão”.*⁶

A data — 1959, como dissemos — não esclarece, por si só, o sentido e a força do texto. A própria forma como o escrito se inicia “há muito...” sugere que a problemática da feira era uma questão antiga. Mas, olhando-a sob a perspectiva do tempo presente, diríamos que ela é por demais atual.

Podemos visualizar a famosa Feira de Caruaru, como este lugar onde as fronteiras espaço-temporais perdem sua rigidez e hierarquia. Nela, as coisas se misturam, os tempos se cruzam com os ritmos, os sabores e as cores do plural e do singular. A feira metaforiza a cidade na medida em que traduz as suas relações entre o antigo e o moderno, o local e o global, a mudança e a permanência, a ordem e o caos.

Dialogando com este espaço híbrido, cheio de significações, evoluiu a empresa Tabosa, cuja história em diversos momentos se entrelaça com os ambientes da cidade. Seus ônibus podem ser vistos como personagens desse enredo. Marcam e são, ao mesmo tempo, marcados pelo ritmo do cotidiano. Eles articulam e estendem a feira e a cidade. Dentro deles as relações persistem: o balbúcio permanece, as mercadorias circulam, os encontrões acontecem, compradores e vendedores dialogam. A vida e a história continuam.

Daqui pra frente, faremos outras viagens para (re)lembrar aspectos dessas vidas e dessas histórias. Mergulharemos no tempo, levados pelas narrativas dos personagens que, com seus esforços, ajudaram a construir a Viação Tabosa

⁶ Jornal A Defesa (14/ 02/ 1959- p. 05)

Memória e identidade 1: Os Tabosa contam suas histórias

Narradores e personagens

A final, quem são as personagens dessas narrativas? “Seu Nildo”, “Seu Clóvis”, “Dona Salete”, “Clemilton”, “Seu Lourinaldo”... Os nomes não dão conta dos sujeitos que representam. É por isso que sentimos necessidade de caracterizar os narradores, embora saibamos que adjetivar é ato por demais perigoso. Por vezes, no entanto, atribuir características é ato necessário para possibilitar uma maior aproximação entre os sujeitos e objetos envolvidos nas tramas do conhecimento. Ou seja, adjetivar torna-se, assim, um gesto de individualização, que tão somente tem a pretensão de estabelecer referenciais que permitam uma maior compreensão do outro.

É assim que os adjetivos são usados aqui. Trata-se apenas de um ensaio de descrição dos sujeitos narradores das histórias que se seguem. Em momento algum almejamos usar os adjetivos como estratégia de criação de juízos de valor. O que pretendemos é tão somente demonstrar “*impressões*” que tivemos ao longo das conversas mantidas com cada um(a) dos entrevistados(as).

Assim, nos trechos que se seguem, antes de cada personagem narrador(a) tomar a fala, há uma rápida descrição de “*quem é ele (ela)*” e qual sua relação com a Tabosa. Optamos por separar as falas dos(as) depoentes, tomando como referência alguns dos assuntos abordados. Essa mesma estrutura foi adotada no terceiro capítulo; nele, no entanto, são os colaboradores que assumem o papel de narradores.

Sobre o dito e o escrito

A fala é uma expressão pessoal de múltiplos significados. Transpor para um texto escrito aquilo que foi construído com os recursos da oralidade é correr o risco de perder a riqueza dos gestos, das pausas, dos olhares, dos cenários e dos objetos que aguçam a memória. O ritmo e o estilo da fala nem sempre podem ser traduzidos pelos recursos da ortografia e da pontuação. Na tentativa de nos mantermos o mais próximo possível do texto original, evitamos interferir excessivamente nas narrativas; dedicamo-nos, sobretudo, ao trabalho de reunião e ordenamento das falas; isto porque, uma das funções primordiais desse trabalho é a organização de parte do acervo de documentos que relatam aspectos da história da Viação Tabosa Ltda. Por isso, muitas vezes, os depoimentos “*correm soltos*”, aproveitando o embalo das idéias dos narradores, resguardando o tom coloquial.

Os atores: Fundadores

Seu NILDO



“Seu Nildo” é um homem receptivo. Fala pouco, mas com precisão. Gosta, no entanto, de conversar sobre a história da empresa, dos desafios e das alegrias que ela lhe proporcionou. Por trás de sua aparente timidez, está o homem de decisões que faz do trabalho uma experiência de vida. Nos momentos de lazer, cultiva uma paixão quase tão antiga quanto o seu amor pelos transportes: o cinema. Entre outros aspectos, a entrevista demonstra o tino comercial que marcou a história de “Seu Nildo” desde a adolescência.

Adolescência e trabalho

Trabalhei com um tio meu; fui marchante. Vendia carne no açougue. Fiquei lá trabalhando e estudando. Depois de um certo tempo, surgiu uma vaga... e eu procurei emprego na Caruaruense. Lá na Caruaruense tinha um tio meu. Por intermédio dele, eu conversei com o pessoal lá. Tinha de quatorze pra quinze anos. Trabalhei como cobrador. Fiquei uns três anos como cobrador, depois saí e fui servir ao *tiro de guerra*. Ainda nesse período em que trabalhei como cobrador na Caruaruense, eu negociava vendendo prestação aos próprios colegas, lá mesmo na empresa. Antes de sair da Caruaruense, eu fui chamado para examinar uma linha nova que a empresa estava comprando e queria saber se era rentável. Era a linha de Garanhuns a Pesqueira. Entre mais de cem funcionários, eles me escolheram... Passei todos os dados sobre essa linha pra Caruaruense.

Quando eu voltei do *tiro de guerra*, não fui mais pra Caruaruense. Comprei um táxi, uma Rural, que naquele tempo era carro de praça. Aí eu comprei uma Rural 1957, falei com o pessoal do Detran e coloquei na praça. Na Praça da Estação. Eu fui um dos primeiros motoristas da Praça da Estação. Comprei esse carro, mas não foi nem a vista. Comprei pra pagar em 12 vezes. Fazia viagens dentro de Caruaru, mas também pra Toritama, Santa Cruz... e também pra zona rural. O dia bom de negócio era o dia da feira, o sábado. Aí aparecia passageiros... e tinha uma tabela de preços: tantos quilômetros, a gente cobrava um valor, passou daqueles quilômetros, a gente cobrava dois valores daquele. A gente tinha a média tanto pelos quilômetros quanto pelos bairros. Tal bairro é *x*... Aprendi a dirigir uns seis meses antes de completar dezoito anos. Era meu sonho... achava bonito. Toda vida gostei de dirigir. Depois da Rural, comprei um Aerowyllis... depois um Vemag, um Vemaguete. Depois, vendi o carro de praça e comprei uma loja que ainda hoje existe lá no Jardim Siqueira Campos, de lado da catedral... Aí, comecei a negociar, parei de trabalhar com carro, mas negócio de seis meses, um ano somente. Era uma loja de calçados. Mas, ainda com o táxi, eu já gostava de negociar... tinha vez que eu ia pra Timbaúba, comprava calçados e saía vendendo em Belo Jardim, Pesqueira, Garanhuns... Depois eu dei essa loja pra minha mãe.

Nascimento da Empresa

Depois da loja, apareceu essa empresa de ônibus pra vender ou trocar... Troquei num terreno, que eu tinha lá no Murici, e num Volkswagen. Na realidade foi Clóvis mesmo que... Partiu mais dele. O rapaz ofereceu a ele, foi quando ele me chamou. Quando ele me chamou, disse: “Tem uma empresa pra comprar, você topa?” Eu disse: “Topo”. “Topa mesmo”? Eu

disse: “Topo, pode comprar que a gente assume”. Já conhecia o dono da empresa, conversei com ele, ele me deu cinquenta meses. Pagamos cinquenta meses, todo mês sem atrasar nenhum. Comprei a empresa, que se chamava Veneza, juntamente com meu irmão Clóvis, e eu e ele tocamos. Eu com o conhecimento que já tinha da Caruaruense e ele com o conhecimento que tem até hoje, o conhecimento de mecânica... Em mil novecentos e setenta e pouco ele começou a trabalhar na CADISA e já tinha uma certa experiência em mecânica de ônibus. Então, eu com a experiência da Caruaruense e também com a de motorista. A empresa tinha quatro ônibus... Os ônibus eram o quê? 62, 60 e... Não, 62 não, era 58, 59. Compramos os ônibus, quatro ônibus usados. Os ônibus realmente precisavam dar uma arrumada. As linhas eram somente ‘Vila Contra o Mocambo’ e ‘Bairro Petrópolis’. Era um ônibus fazendo ‘Vila Contra o Mocambo’ e outro fazendo ‘Bairro Petrópolis’... Ficavam dois ônibus de reserva. Quando compramos a Veneza, em 1975,... Aí transferi pra razão social... Não, abri outra razão social como Tabosa. Meu sobrenome ‘Tabosa’. Foi dada baixa na Veneza. A Tabosa assumiu o débito da Veneza e transferiu a razão social de Veneza pra Tabosa... 76, ela não surgiu como Tabosa, surgiu como uma empresa... Como pessoa física. Aí eu transferi a Veneza pra Clemildo do Nascimento Tabosa, que é meu nome... 76 até 79. Quando foi em 79, aí a contadora me orientou que eu devia mudar então mudei pra Viação Tabosa Ltda, até hoje. Na época tinha três ou era quatro motoristas. Eu ficava mais assim: se faltasse algum motorista, então eu dirigia até mandar chamar um outro ou então tirava um horário. Mas realmente, eu não dirigia, ficava mais como um reserva; tinha outros afazeres, apesar de gostar muito de dirigir, mas, na hora que tava dirigindo, ficava descoberta a outra parte da empresa. Então eu ficava mais no caso de uma emergência, como até hoje faço

isso; se faltar um motorista, eu vou pra rua. E gosto de fazer isso. Agora, eu faço não pra dizer: aquele é o dono, não! Eu faço, eu faço porque eu gosto mesmo. Naquele tempo, primeiro, a gente não tinha estrada, Estrada ninguém tinha naquela época; nem pro Bairro Petrópolis, nem tinha pro Vassoural. Na realidade, essa linha é o seguinte, esse proprietário, quando passou a linha pra gente, já tinha vendido a duas pessoas. Ele vendia, recebia a entrada, depois de dois ou três meses, o pessoal não tinha condições de pagar. Ele tomava... Tomava não, era obrigado a devolver, porque se não tinha condições de pagar, aí devolvia. Com a gente ele não devolveu a empresa porque é o seguinte: meu irmão consertava os carros e eu administrava. Tanto eu cobrava, como eu administrava a empresa, então a gente botou a empresa pra frente. Com o meu conhecimento e com o dele, foi isso que a empresa foi pra frente. Porque tanto meu irmão consertava, como eu administrava e botamos a empresa pra frente. Mas, na realidade, com outros compradores da empresa que haviam comprado antes da gente, comprou e não tinha como pagar porque, sem conhecer do sistema, teve dificuldade pra cumprir as obrigações.

Distribuição dos espaços entre as empresas de transporte da cidade

Como hoje, naquele tempo, nenhuma empresa podia entrar no setor da outra não; quer dizer, mesmo sem aquela fiscalização da Prefeitura que existe hoje, a gente respeitava um ao outro. Já era tudo organizado. Isso desde 1975. Realmente ninguém podia entrar na área do outro.

Outras empresas

Naquele tempo, tinha a Visconde, existia a do Salgado, não me lembro o nome dela não, mas rodava no Salgado, e a da

Vila Kennedy. Em nome de ‘Francisco de Melo’ parece que era o nome do diretor da empresa, depois passou pra Tucal. Existia a Vila Kennedy, Bairro Petrópolis, Vila contra Mocambo e Salgado. Só existiam essas quatro linhas em Caruaru... E também Rua Bahia, que era de Arlindo Silva, e o terminal dela era na Rua Bahia... É de 1977, 1978.

Relações familiares

Na realidade, nem eu fazia conta com minha mãe nem ela comigo. Com minha mãe não, com minha família sempre foi assim. Hoje a criação tá tudo modificada, não é? Se um irmão tem um negócio, o outro... Se tá devendo tem que pagar as dívidas, mas na minha época não tinha isso não. Se pudesse ajudar, ajudava... Negócio de pegar emprestado pra pagar, ninguém foi criado dessa maneira não. Se pode ajudar, ajuda. Minha mãe criou a gente assim.

Divisão de papéis

A função de Clóvis era como ainda hoje é: de consertar os carros. Ele é mecânico. Ele dirige a empresa assim: dirige na parte mecânica, não dirige na parte administrativa.

Inovações

Tinha ônibus que para poder rodar à noite tinha que acender uma vela, para o cobrador cobrar com uma vela de noite, porque tava faltando instalação. Então, foi que, em 1978, 79,... foi que a gente teve uma idéia, eu tive uma idéia juntamente com meu irmão, de colocar lâmpada fluorescente dentro do carro. Uma das primeiras empresas daqui... Uma das primeiras não, a primeira empresa daqui de Caruaru a colocar fluorescentes dentre dos ônibus, que ninguém nunca tinha colocado naquele tempo. Aí, depois, a fábrica foi mandando fluorescente.

A Tabosa foi uma das primeiras empresas em Caruaru a contratar cobradoras. A gente começou, mas depois desistiu. E de 97 pra cá, realmente, conversando com Salete, eu disse a ela: vamos mudar pra cobradora e realmente melhorou muito. Até que as outras empresas copiaram. Hoje até a Caruaruense trabalha com cobradora. Ela até copiar a Tabosa ela copiou.

Problemas urbanos no caminho da Tabosa.

Não existia calçamento. Tinha dificuldade porque na época do inverno, às vezes, o carro se quebrava, se atolava, nunca conseguia; às vezes o carro rodava o dia todo e sempre tinha problemas por causa da estrada. Não era como é hoje, mas já existia muita gente.

A nova geração: os desafios do futuro

Na realidade, cada um tem um jeito de administrar; no meu tempo era diferente do atual, mas às vezes eles me escutam realmente. Às vezes, eu penso que estou certo e quando analiso direitinho, o negócio mudou, e tem que ouvir eles também, pra que o negócio vá pra frente. Não pode ser somente minha palavra, porque hoje as coisas mudaram. Naquele tempo, com minha experiência que eu tinha no transporte, e faço aquilo que realmente gosto, então tem algumas coisas que a gente pensa que tá fazendo certo, mas quando começa a escutar os seus filhos, vê que tem que haver modificações. Os tempos mudaram, com essa nova era da informática e tudo... Na realidade é muito difícil isso aí. Por outro lado, eu acredito que eles vêem que quem começou na empresa fui eu... Os meus irmãos estão se aproximando e eu dou todo apoio pra que eles se aproximem e eles tenham um futuro, mas eles têm que ver que realmente quem começou a empresa fui eu e que tem que partir dessa hierarquia de quem começou. Não é porque a nova gera-

ção tá aparecendo agora que eu queira administrar da maneira deles. Aí, nem eu nem os próprios irmãos concordam com isso... Os que quiserem continuar com esse sistema a gente dá todo apoio. Agora, nem eu e nem meus irmãos aceita é que tanto meus filhos, como meus sobrinhos, queiram modificar todo o sistema dentro da empresa. Nós irmãos não aceitamos isso não. Os desafios que eu vejo, o que tenho medo é que amanhã ou depois eu não estando aqui, ou meus não estando aqui, como será a empresa? Isso eu realmente tenho. Eu tenho por causa da família. Eu com meus irmãos fomos criados dessa maneira. Mas hoje não é mais irmãos, são filhos, são netos, são genros; aí eu sei que realmente isso aqui não... Pra controlar isso aqui vai ficar difícil. Enquanto eu tiver aqui com meus irmãos, o negócio é fácil, mas, sem minha presença e a presença deles, o negócio... A gente com vida tenta ensinar ao pessoal da família pra manter a empresa. É como eu fiz um documento aí na empresa mesmo... São três sócios, se um dos sócios quiser vender, é obrigado vender ao outro sócio, o outro sócio tem vinte anos pra pagar. Claro que isso aí ... A família sabe que a empresa não é... Empresa de ônibus é como chapa de dente, só dá pra uma pessoa. Não é como a pessoa pegar algum dinheiro e começar a destruir não porque ela não tem como se manter. Pra que a nova geração não pense dessa maneira é isso que eu quero dizer. A gente orienta o pessoal pra que eles mantenham esse sistema, meus irmãos compartilham dessas idéias.

Momentos marcantes

Um momento marcante na empresa foi que, na década de 1980, um rapaz veio oferecer um ônibus usado, ou melhor, um ônibus novo, e a gente comprou três. Aí, realmente marcou porque naquela época a gente tava precisando mesmo. Ele inventou pra gente comprar um e a gente acabou comprando três. Compramos três ônibus. Na época, compramos com a cara e a

coragem e tudo deu certo. Um momento marcante dentro da empresa foi esse aí... Outra coisa que me marcou, na empresa, foi uma viagem que eu fiz, com Clemilton, pra São Paulo. Eu não conhecia São Paulo, tinha a maior vontade de conhecer. Aí peguei um motorista e disse: “‘Bora’ pegar um carro ali em São Paulo”. Quer dizer, pra mim foi muito bom porque tanto eu fui como Clemilton, pra conhecer.

Desafios do passado

Naquela época era uma vida mais difícil, realmente gostava daquilo tudo que eu fazia, fazia aquilo tudo com amor. Realmente eu cheguei no que tô hoje graças ao meu trabalho, aos meus esforços. Aí me sinto mais aliviado. Trabalho com o que gosto, com transportes, não é? Com a empresa.

Paixão pelo cinema

Desde criança, minha vida foi assim: eu com idade de sete, oito, nove anos sempre gostei de cinema, comecei a assistir aqueles filmes com aqueles atores muito fechados e até hoje sou assim ...

Crescimento da empresa

A gente tinha duas linhas: Vila contra o Mocambo e Bairro Petrópolis. Aí, depois, a gente comprou... Jardim Liberdade... ou foi Rosário que comprou primeiro? Foi Jardim Liberdade. Depois compramos Rosário Velho, que passava pela Coca-Cola e ia até o Grupo Nicanor. Passava ao lado da Coca-Cola e era uma linha de dois quilômetros, dois quilômetros e meio, dois e meio. Era mais pra atender o pessoal da feira e o pessoal da estrada grande... Que era ao lado do Nicanor. Depois da linha do Rosário Velho, apareceu outra linha pra vender, ao lado do Bairro Petrópolis, Jardim Liberdade. Compramos ela também. Aí ficamos com 04 linhas: Vila contra o Mocambo, Bair-

ro Petrópolis, Jardim Liberdade e Rosário Velho. Isto já era anos 80. A linha do Rosário Velho, quando fizemos negócio, veio com mais dois carros. Aí ficaram 06 carros. Depois fomos comprando carros usados e fomos renovando a frota. Depois dessas linhas, surgiu, em 91, 92, 93, surgiu o Inocoop, já tinha o Rosário aí prolongamos a linha até o Inocoop. Aí, depois do Inocoop, em 97, foi quando surgiu o Shopping. Hoje nós temos Bairro Petrópolis, Bairro Agamenon, Shopping, Inocoop e Vassoural e Santa Rosa. São cinco linhas. Temos vinte carros e rodamos com quinze, cinco ficam na reserva. Tem também uma linha que faz zona rural: Maniçoba e Serra do Boi. Essa linha eu comprei em 84, 85, compramos essa linha e ampliamos até Xique-Xique.

A percepção da empresa

Eu considero essa empresa como um pai meu, como um filho meu, eu considero assim. Eu considero essa empresa como se a Tabosa fosse um filho... Um filho que me dá mais alegria do que aperreio. Às vezes me aperreia... Mas é assim mesmo. Quem trabalha com muita gente é assim mesmo. Se fosse somente a família era bom, mas quando a gente trabalha com ser humano não é tudo como a gente quer. Pra administrar uma empresa como prestadora de serviços... Às vezes eu me preocupo até com o horário, mas não é com o horário que o carro deixa de faturar. Eu me preocupo com o nome da empresa. Não cumpro aquele horário, então, automaticamente o passageiro vai reclamar da empresa e é isso que eu não quero que reclame. É isso que eu passo pra o meu funcionário: pra ele manter o sistema, tem que manter aquele sistema pra que o negócio ande correto. Tem que manter certo, não pode errar, tem que manter tudo esquematizado pra manter o sistema certo.

SEU CLÓVIS

“Seu Clóvis” é um excelente narrador, embora tenha dito que “*estava nervoso*” no começo da nossa conversa. Tem histórias compridas e agradáveis. Dono de um bom humor contagiante que não perdeu a força apesar dos percalços da vida, ele passou grande parte de sua história entre ônibus e caminhões. Atualmente é responsável pela manutenção da frota da Tabosa. Segundo ele, sente-se muito à vontade entre os mecânicos da Tabosa, afinal “*desde cedo, sempre quis trabalhar com mecânica*”.



Uma vida sem o “sentido” da infância.

Eu fui criado com meus irmãos... Fui criado quase sem pai, né? Porque meu pai abandonou minha mãe, ficamos eu, Nildo, Rubens e Mana e a infância... Quase nós não tivemos infância, só pensávamos em trabalhar e em progredir... Minha mãe era um baluarte, só que não deixava nós, de maneira nenhuma, nenhum dos quatro sair de perto dela, então... Minha irmã ficava cuidando muitas vezes da gente e minha mãe tinha que sair pra fazer alguma coisa, lavar roupa mesmo e... Chegou até o ponto de ela lecionar sobre externato, né? Ensinava um pessoal do Externato Santa Verônica e ficou lecionando com o pessoal pra poder dar de comer à gente. E eu curioso não queria só estudar, não queria estudar. Já Clemildo (Seu Nildo), muito agarrado, sempre partiu pra estudar. Eu, meu projeto, meu pensamento só era trabalhar, só trabalhar mesmo e minha irmã estudar e nós seguimos a vida assim. Deu uma saudade de meu pai, ele já tava fora de Caruaru e minha mãe me liberou pra eu ir ver meu pai e nesse intervalo eu passei vários dias com meu pai.

O sonho de minha vida: ser mecânico

O meu primeiro emprego foi de mecânico. Meu pai pe-
lhou pra eu estudar... Pra consertar rádio, ser rádio-técnico na-
quele Curso Universal e então ele fez a inscrição. Preencheu as
apostilas tudinho, mandou eu preencher tudinho. Naquele mo-
mento eu não quis aquilo e então ele pra não devolver e não
apagar meu nome ele continuou. Hoje eu tenho diploma, que
eu não executei, quem executou foi ele... Quem fez o estudo foi
ele, quem fez o curso foi ele e hoje eu tenho diploma no meu
nome, entendeu? Mas o meu pensamento era ser mecânico,
mecânico, mecânico... Pronto! Quando eu cheguei na oficina,
fui lá varrer, varrer e lavar peças, varrer e lavar peças. Eu lavei
tanta peça e varri tanto que fazia calo na minha mão, mas o
pensamento meu era aprender a mecânica, queria aprender, e
me sujava, passava a mão, pra dizer, na roupa, pra chegar em
casa e dizer à mãe que eu tava trabalhando de mecânico, que
era um sonho da minha vida era, era melar as mãos e chegar
melado. A coitada sofria tanto de lavar roupa minha melada de
óleo, entendeu? Hoje é que eu faço a análise de que, pra ser um
bom mecânico, não precisa se melar, entendeu? Mas naquela
época eu queria tá melado mesmo, passava a mão na, nas estopa,
pra limpar as mãos eu passava na roupa, pra poder chegar em
casa e ela dizer: “Meu filho é trabalhador e gosta da mecâni-
ca!” E então eu trabalhei no tempo da Focus, com um rapaz,
Sissi. Ele foi meio carrasco comigo, mas hoje é que eu sei que
foi pra eu aprender alguma coisa, depois ele começou mandar
soltar os parafuso e desmontar aqueles carro e tal... Aí chegou
um ponto, deu pra aprender alguma coisa aí fiquei quase inde-
pendente. Eu fiquei doido pra trabalhar na Rodoviária, aí fui
pra lá, me chamaram, me convidaram e eu... fui trabalhar. Des-
montando, já tinha certa prática, aí fiquei acochando parafuso,
tirando, desmontando algumas peças e aprendendo e aquele

anseio mesmo de aprender mecânica. Aí trabalhei dez anos lá. Dez anos. O pessoal lá dos Lira, Fernando Lira afastou-se, que era pra ser candidato a deputado, depois Roberto Lira foi pra o Recife, em virtude de outros problemas dele lá. E eu fiquei. Chegaram um dia e compraram outra empresa: Real Recife. Pelejaram pra eu ir pra lá, eu digo: “No Recife eu não vou por preço nenhum no mundo, eu não vou. Eu prefiro sair daqui, mas não vou”. Aí arrumaram lá outro pessoal e mandaram... Depois a Rodoviária vendeu o prédio pra Mercedes. Aí o pessoal da Mercedes Benz me convidou pra eu ficar na, na Mercedes. Aí foi que eu deixei os Lira. Eles passaram muro dentro da rodoviária, dividiram aquele prédio. Aí eu só fiz, com outras palavras, pular o muro e ficar no mesmo prédio. Antes disso, Roberto (Lira) perguntou quanto eu queria de indenização, ia fazer minhas contas pra ver. Eu digo: “Eu não tenho conta aqui não, eu vim pra trabalhar e aprender alguma coisa e não tem conta aqui não”. Não mandei dar baixa naquela época e pronto. Inclusive, até no tempo da Focus eu trabalhei meio clandestino, mas não... por isso... Meu entusiasmo mesmo era aprender. Aí fiquei na Mercedes. Trabalhei quase dez anos lá, na Mercedes também. Aí fui até chefe de seção de lá. Até hoje, eu adoro tá debaixo do carro. Adoro mesmo. Já chegou gente aqui que me dá gorjeta pensando que eu era um trabalhador e eu ria. Pensando que eu era ajudante e eu nem aí. Saía, ficava lisonjeado por isso.

Novas perspectivas e problemas no trabalho

Depois, eu fui pra CADISA. Passei até a ser chefe de oficina lá. Aí chegou um ponto de a firma começar a falir. Era eu e outro chefe, o Elias. A gente tomava conta de quarenta e duas pessoas. Nós não quisemos só fazer, não. A vontade era melar a mão de óleo, como ainda hoje eu gosto de melar. Foi

quando um rapaz chamado Dejacir, cara muito legal, muito bom camarada, chegou ao ponto dele dizer assim: “Olha, Clóvis, eu gosto de você como um irmão e gosto de Elias, são duas pessoas que eu adoro aqui dentro. Mas, olha, a matriz mandou dizer que só pode ter um chefe aqui da oficina. Tem dois. Então eu não sei o que é que eu faça da minha vida pra escolher entre você e Elias. Pra mim são dois irmãos. Vocês são duas pessoas que eu adoro, e eu tô numa situação”... Ele me chamou e ao Elias. Até disse uma frase que eu até hoje ainda eu guardo, sabe? Ele disse: “Olhe, eu estou num barco que só cabe uma pessoa: se botar duas pessoas o barco afunda”. Mas, por força do destino, eu disse a ele assim, sem maldade: “Me diga uma coisa, Dejacir, eu agradeço tudo o que você fez por mim, tal. Mas me diga uma coisa: Tá você nesse barco, aí tá sua mãe também. Que é que você faz? Você morre ou bota sua mãe no barco?” Aí ele disse: “Que é que adianta? Você sabe que é essa a quantidade, você tá fora”. Eu disse: “Tá bom. Brigado”. Ai pronto. Sai. Pronto. Mas não foi com ironia, nem com coisa, foi porque chegou o momento de uma decisão. Aí ele disse: “Então pode pegar suas contas”. E pagou. Alí ele também não ficou com raiva, ninguém ficou com raiva. Elias ficou lá na empresa e eu saí.

O sonho do negócio próprio

Depois disso, eu disse: “Vou botar uma oficina pra mim”. Botar uma oficina que a firma tava falindo, e ia ter movimento de caminhão, de Mercedes em Caruaru. Caruaru só tinha uma pessoa, que tinha saído também da Rodoviária Caruaruense, que botou uma oficina e tava se dando bem. E eu pensei: “Um só não serve. Não é olho grande, que eu não tenho olho grande com ninguém. Mas eu vou botar uma oficina pra mim”. Nisso eu chamei um rapaz chamado Zé Luiz, que trabalhava comigo

lá dentro da oficina e também já tinha saído, uns quinze dias, um mês antes, por circunstância da firma que tava botando pra fora. Eu disse: “Zé, vamos botar uma oficina mais eu?” E ele disse: “Aonde?”. “A gente arruma um canto por aqui, qualquer canto a gente bota”. Procurei uma garagem. E também com medo de chegar o dia e não pagar. Falei com o finado Louro, da Princesa do Agreste. Aí ele disse: “Olha, eu tenho uma garagem aqui na Rua São Paulo, mas não dá pra entrar caminhão, não. Só se você botar ferramenta e fazer o serviço do lado de fora. Eu digo: “Assim tá bom, me dê. Eu quero essa chave”. Aí foi quando me entregou a chave e eu comecei a fazer serviço. O pessoal chamando, gente conhecida que já fazia serviço na Mercedes. O pessoal mandando fazer serviço de freio tal, serviço mais pesado... e eu fui fazendo. Aí chegou um tempo que já começou tomando a rua todinha, não tinha condição de trabalhar ali mais.

Os primeiros contatos com a Veneza

Nesse tempo, tinha a empresa de ônibus Veneza. Nissinho era o dono dela, já tinha vendido a dois ou era três. Todos três que ele vendeu, ele tomou. Tomou vírgula, os caras entregaram porque não tinham condição de pagar. Não tinha condição de pagar porque não tinha manutenção, não tinha apurado, não tinha nada. Aí, só tinha o nome, aquela fantasia de empresário e não... Naquela época não tinha rendimento. Então o pessoal que vinha de fora não sabia fazer mecânica, nada. Não tinha aquele negócio de motorista fichado, nem cobrador, nem nada. Naquele tempo cobrador levava dinheiro no dedo. Às vezes, Nissinho vinha aqui: “Ô, Clóvis, tu me arruma uma peça velha pra eu botar no ônibus?”. E eu: “Pronto, olha aí, tome”. “Quanto é?”. “Nada não, leve”. Aí chegou um dia ele disse: “Clóvis, tu quer comprar essa empresa?”. Eu digo: “Olhe, Nissinho, é o

seguinte: eu não... só eu falando com meu irmão. Pra eu comprar, eu não quero não. Sabe por quê? Porque eu nem posso e nem posso também tomar conta desse negócio. Se o Nildo quiser mais eu, eu compro”. Aí foi quando Nissinho disse: “Então pergunte a ele, vá chame ele”. Eu: “Eu vou chamar ele pra gente conversar”. “Que é que tu tem?”. Eu digo: “Eu não tenho nada não”. “A gente se ajeita. Agora, se não pagar, eu tomo viú, de novo”. Disse: “Tá bom”. A gente com aquela brincadeira, que ele era muito brincalhão. E hoje é um grande amigo meu. O sonho de Nildo era um cinema porque não tem fiado, né. Ou paga, ou entra de graça. E o ônibus é a mesma coisa. Ou você anda de graça, ou paga. Não tem negócio de fiado. Aí falei com Nildo, que nesse tempo tinha um carro de praça. E eu sempre ajudava. Fazia serviço no carro, pintava, ajeitava. Aí eu chamei Nildo e disse: “Olha, o Nissinho quer vender a empresa. Como é que a gente pode ficar com a empresa?”. “Ele disse que recebe tudinho...”. “Foi?”. Nildo disse: “Olhe, Clóvis, o negócio é bom. Agora é negócio pra dez anos. Lembre que só pode tirar dinheiro daqui a dez anos. Aqui nós temos que botar aqui dentro, o que puder arrumar tem que botar aqui dentro, não pode tirar. Você não precisa tirar a feira daqui de dentro”. Zé Luiz também ia participar do negócio (ele ia entrar com um carro). Mas quando Nildo falou com ele, ele disse: “E eu sou algum idiota rapaz? Tu tá pensando que eu vou passar dez anos, é? Quero não, pode me tirar desse negócio, que eu não quero não”. Eu continuei trabalhando na oficina com Zé Luiz ainda. Ele era meu sócio da empresa. Tinha outros ajudantes, mas sócio mesmo era Zé Luiz. Eu só sei que nós fechamos o negócio, eu assinei na época mais ele, cinquenta letras de cinco. Agora cinco eu não sei se foi cinquenta cruzeiro, cinquenta... eu sei que eu assinei cinquenta letra, foi o dia que eu assinei mais letra no mundo. Depois eu desfiz a sociedade com Zé Luiz. Disse: “Olhe,

você me dá a metade da ferramenta, dá até a parte da oficina e eu vou embora”. Disse: “Certo, sem briga, sem nada. Se eu tinha dois macacos dei um, se eu tinha duas chave tinha que dar a outra, a dele. Se eu tinha duas chave de fenda tinha que dar. Então eu dividi por igual, a bancada, tudo eu dividi por igual e a que não tinha a pareia dela, eu tive que comprar e dar a ele. Como o macaco de tirar o motor. Aí eu tive que comprar o macaco, naquela época, e dei a ele. Aí fiquei só, tocando os ônibus mais Nildo. Nildo com ar de doido dia e noite. Ele batalhava, comprava... nesse aperreio de vida, sem tirar dinheiro, só botando.

No começo: trabalho e criatividade

Depois, empurramos os carros. Nenhum pegava no arranco, aqueles carros velhos... Meu Deus do céu! Foi só a coragem da pessoa com o sonho de novo (jovem) que a gente tinha. Novo, novo eu, ele e Rubem, também, tudo novo. Eu sei que teve dia aqui de quando eu empurrar um carro, amanhecia dia e noite aqui pra gente ajeitar os carro, pra botar na linha. Não tinha esses horários rígidos, mas tinha que tá na linha.

Dificuldades

Os ônibus eram aqui na minha casa, onde eu construí, atrás do terreno. Você vai ver o que é que vai acontecer. Atrás tinha um terreno, a garagem era ali, era uma ladeira. De manhã lavava o ônibus com água encanada de casa com a mangueira e na hora de sair, pronto. Só era empurrar o carro, o carro porque não pegava no arranco; descia e ia embora. Não tinha bateria, não tinha nada. E a oficina, não podia deixar a oficina porque até o óleo dos outros caminhão, dos clientes, quando vinham

“arriar”, porque não prestava mais, a gente botava num tambor. Pra, depois, botar dentro do ônibus.

Negócios, artimanhas e inventividade

Faltava ônibus, aí Roberto Lira, nesse tempo tomava conta da Rodoviária, aí foi quando eu fui falar com ele: “Olha, soube que você tem um ônibus pra vender”. Ele disse: “Tenho”. Se eu não me engano, foi até o ônibus 24. Ele disse: “Tem o 24”. “Quanto é que você tem de entrada?”. “Não tenho uma prata!”. “Como é que quer comprar ônibus sem dinheiro? Que é que você tem?”. “Eu tenho um televisor “Telecom”... comprei faz pouco tempo”. “Como é o negócio, rapaz?”. “Não vou dizer que tenho dinheiro. E eu preciso do carro que a linha tá ruim, não tem carro. Os carros não adiantam mais não. A gente... todo dia conserta e todo dia quebra, não presta não”. E os carros dele pra rodar pro Recife não prestavam. Mas, pra rodar pra gente, era um carro bom, um carro novo, era um carro do ano. Aí, foi quando ele disse: “Leve o carro e traga o televisor!”. E fiquei pagando vinte... vinte e quatro letras. Aí pronto, falei com Nildo, e ele disse: “Vamos olhar o carro”. O carro só tinha uma porta porque o carro não era urbano. Aí era uma dificuldade, a gente sem ter gente pra abrir a porta do carro, mas o cobrador “cobrava no dedo”... mas o carro era beleza, a gente tava no céu. Chegou um tempo também que a gente conheceu um cidadão do Recife. Nildo comprou um carro dele... Ele vendia ônibus velho no Recife. Nós compramos um carro já de um terceiro e compramos esse carro e começou a consertar de novo, sempre consertando carro e botando. Depois compramos mais dois carros a Valdemir Campos (um vendedor de peças para a oficina). Falei com ele e disse: “Tô precisando comprar uns ônibus! Como é que você faz?”. “Como é? Você tem dinheiro?”. “Tenho não”. A empresa nunca tinha dinheiro mesmo. “Então, a gente trans-

fere, como fosse uma peça, você me leva o ônibus e eu fico como vendi peça, tiro nota fiscal como vendi peça, você vai pagar como se fosse peça. Mesmo jeito”. Aí eu falei com Nildo: “É, vamos ver”. Aí, tocamos o barco e compramos mais dois carros lá a ele, da empresa. Não me lembro qual foi a empresa, era uma vermelha, verde e azul. E os ônibus aqui quando aparecia qualquer novidade, a gente inventava a pintura pra o pessoal poder dizer: “Olha a empresa tá melhorando”. A gente tocou o barco, eu mais Nildo, Nildo não dormia de noite naquele aperreio. Rubem também consertava alguma coisa. Rubem também trabalhava no banco e vinha praqui, Rubem foi embora para Campina Grande e eu fiquei mais Nildo, lutando nesse aperreio. Dinheiro que é bom, ninguém via não. Ninguém nunca viu Nildo tomar um café pequeno, que ele não tinha... Eu não sei como é um negócio daquele. Ele só pensava em ajeitar e trabalhar mais eu e pronto.

O primeiro ônibus novo

O Abenaildo era muito meu amigo. Ele tinha uma carteira de venda de controle de venda de carro. Esse rapaz chegou aqui e disse: “Olhe, eu assumi o posto da Mercedes agora e estou trazendo cinco carros novos pra Caruaru. E a primeira pessoa que eu quero vender um carro são vocês”. Me chamou lá, eu falei com Nildo, Nildo disse: “Tu tá doido, é? Falar em carro novo pra gente comprar!”. Aí Nildo disse: “Eu não vou dormir”. Nildo realmente não tava dormindo, pensando nesse problema desse carro. A gente se ajeita e sai fora. Se Deus quiser a gente vai melhorar. Compramos. Depois, Abenaildo mandou chamar de novo e disse: “Clóvis, tá aqui o outro carro. Mande chamar pra você assinar aqui o outro carro”. “Olhe, eu tô com meu irmão doente já, que não está dormindo. Eu com-

prar outro carro? Eu não posso, não”. “Isso é conversa! Você vai ver como vai crescer a sua linha, rapaz”. Aí começou fazer aquela história de vendedor de livro, me convenceu, aquela conversa, aquele bom papo na minha cabeça, sabe? Pra eu ficar com o carro. “Eu só faço se eu combinar com Nildo, se eu não combinar com Nildo, eu não faço, não. Mas não faço de jeito nenhum!”. “Vá chamá-lo”. Aí chamei Nildo, Nildo chegou tremendo. “Olhe, Nildo, Abenaildo mandou chamar pra gente ver o carro”. “A gente não pode pagar nem um carro, como é que a gente vai comprar outro? Tu tá doído é? Não pode”. Aí, foi quando Abenaildo disse: “Não, você vai ficar com o carro”. “Fico nada! Não fico de jeito nenhum. Não assino não. Não assino de jeito nenhum”. Aí começou a conversar. Aí Abeneildo disse: “Assine aqui”. A gente assinou e compramos dois carros. Antes disso, aliás, apareceu um consórcio. Nós compramos de um camarada que já tinha atrasado seis letras. Aí Nildo começou pagar, porque Nildo é religiosamente certo no pagamento, essas coisas. Quando chegou esse carro novo, fui lá no Recife pegar na Imperial Diesel. Não tínhamos condição de ficar com o carro novo. Precisávamos de carros, pronto. Vamos trocar esse carro por dois. Então, somamos o que a gente tinha dado no carro e o entregamos à Imperial Diesel. Pagamos o restante e viemos com esses dois carros velhos, mas novos pra aqui. Aí começou ajeitando, pintando e botando na linha de novo.

Algumas palavras sobre os filhos

Depois de muitas dificuldades, vejo que meus filhos cresceram, tão tudo aí, homens, tomando conta da empresa e o Guga vive dentro da empresa, fazendo serviço mais Nildo, Nildo hoje gosta muito dele.

Representações da família de Seu Nildo

Sobre Dona Salete – Mãe morava na Rua da Matriz. Dona Salete ia lá pra fazer as contas dos cobradores, ajudar Nildo também. Ela nunca soltou o pé de Nildo, onde Nildo tava, ela tava junto. Fazia muitas contas mais os cobradores. Ajeitava mais Nildo, corria pra um canto, depois vinha pra o escritório, fazia as contas do cobradores, dos motoristas. Se tava faltando dinheiro, era aquelas briga com os cobradores e motoristas: “Tá errado!” A luta de Dona Salete foi muito grande. A última dessas foi a participação no cafezinho, que ela sempre gostou de fazer um cafezinho pra os motoristas e cobradores. Sempre pensou no ser humano, tem coração muito grande. Tem hora que ela é nervosa, mas isso é da pessoa mesmo, sabe? É da pessoa mesmo.

Sobre Chrystianne — A Chrystianne começou só vendo a mãe trabalhar, depois começou a participar, começou a participar e se integrou mesmo. Amou a profissão. Como a menina foi, também é... Chrystianne foi muito dedicada até que conseguiu... Lutou, batalhou e briga, porque ela é muito autêntica na... nas decisões dela. Chrystianne, na parte burocrática, é excelente.

Sobre Clemilton — Teve que sair para o Recife pra estudar, ser psicólogo e tal. E nesse período ele afastou-se um pouco daqui, mas Clemilton tem uma participação muito grande na empresa. Quando ele terminou os estudos dele e voltou a fazer parte, preocupou-se com o ser humano. É uma pessoa preocupada e ocupada demais. Gosta de tudo no lugar, sabe? Tudo direitinho e se preocupa com tudo. Eu acho que até se esquece dele, de tanta preocupação com o pessoal que tem. Eu adoro ele. É psicólogo com o pessoal. Conversa com o pessoal sobre

psicologia e tal. E o coração dele, em matéria de organização, de ser humano, é impressionante. É uma pessoa que hoje não pode se afastar da empresa, mesmo se ele quisesse só seguir o trabalho dele lá, faria falta aqui. Porque hoje ele é uma pessoa dedicada que traz essas idéias novas, até com recursos humanos pra aqui. Eu acho que a Tabosa só ficou completa depois dessa formação de Clemilton aqui dentro.

Nildo — É muito sensível com as coisas: ele já foi empregado, a gente nasceu foi empregado.

A participação do irmão Rubens

Rubens ficou um tempo aqui ajudando a gente, na empresa. Logo depois ele foi embora pra Campina Grande, depois que passou no concurso da Polícia Rodoviária. Tinha casado, levou a família e se estabeleceu lá. Ficou morando lá, mas, antes dele ser chamado, tava ajudando a gente nesse sentido, dos ônibus. Vinha de vez em quando aqui. Ia comprar um mercadinho. Pediu uns trocados, a gente arrumou ainda uns trocados pra ele montar um mercadinho. E ele continuou trabalhando mais nós.

Função na empresa

Administrativamente, eu não gosto. Sempre passo pra meu irmão. Quem não gosta sou eu. Não é que ele queira... Eu sempre combino com ele. Se ele não tiver, pode deixar que eu resolvo tudo. Uma grande virtude de Nildo: se eu for resolver, o que eu resolver lá fora tá resolvido. Eu já tive que botar um motorista pra fora, que ele tava discutindo muito com meu irmão. Nildo chegou a dizer ao advogado: “Eu vendo a empresa, mas o que Clóvis disser tá dito”. Ele nunca desmanchou nada que eu fiz. É por isso que eu tenho o maior carinho por ele.

Apaziguando os conflitos

A nova geração é meio complicada, sabe? É complicadíssima. Mas eu sempre estou ali... Eu sempre... sou o mais velho, quando vem e digo: “Parem, vocês estão errados, não é por aí não. Tão errados. Pode deixar que tão errados”. Tem falta de compreensão, muitas vezes no pessoal. E eu fico naquele impensado: muitas vezes só. Pensamento diferente de alguma gente da família. E eu digo: “Não é por aí não, vocês tão errados”. Hoje, fazem parte da sociedade Chrystianne, Clemildo, Rubens e eu. Eu é que sustento a barra. Como eu disse a você, eu não deixo ninguém brigar. Graças a Deus não deixo ninguém brigar, sabe? Quando quer brigar: venha pra cá, não briga ninguém! Sabe?

Relação com os funcionários

O que eu os mandar fazer, eles fazem sem reclamar. Tem gente que já faz uns quinze, vinte anos que começou com a gente. A gente tem certo respeito, né? A gente tem que acalmar um pouquinho, que depois volta tudo pra o lugar. A relação é excelente aqui dentro.

Um olhar sobre a Tabosa:

Eu tenho maior orgulho do mundo (da empresa), porque esse nome eu não queria que apagasse nunca. O nome Tabosa, porque a gente nasceu com esse nome e teve essa luta, como eu acabei de contar a vocês.

Entre o presente e o futuro

A minha participação dentro da empresa é que eu vivo lutando pra amanhã ou depois ninguém desmanchar o meu pensamento. Eu quero que passe de geração em geração, que continue: o mesmo nome, o mesmo carinho com os funcionários, com aquela mesma dedicação.

SEU RUBENS



Mais novo dos três irmãos, “Seu Rubens” é homem de fala mansa, porém de pouca divagação. Embora tenha experimentado diversas atividades profissionais, parte significativa da sua vida foi dedicada ao serviço público (na condição de policial rodoviário). Hoje aposentado, divide o seu tempo entre os negócios da empresa e os prazeres gerados por paixões antigas, como a pesca.

Infância

Nós somos filhos de Caruaru. Fomos criados na Rua Preta, moramos muito tempo na Rua Preta até a década de 1960, aproximadamente. Somos quatro, eu e meus três irmãos que no caso são: a irmã mais velha Evanilde, que é conhecida como Mana, professora do Estado, aposentada; tem Clóvis e Nildo e depois eu, que sou o caçula. Minha infância foi vivida também no campo. Eu gostava muito naquela época de ir para os sítios que meus tios tinham no Alto do Moura (que naquela época era considerado sítio). Eu vivia nesse vai e vem... Era assim minha infância: eu lembro, eu com meus oito ou dez anos.

Sentimento de família

O nosso relacionamento veio da infância até hoje... Os irmãos sempre foram unidos. Hoje eu me orgulho dos meus irmãos, do que nós somos, porque eu acredito que talvez até sirva de exemplo. Porque nós já vimos muitas famílias aí que

quando crescem, quando se formam, quando se adquire alguma coisa em termo de família, isso, aquilo outro, se afastam e nós temos essa felicidade de, como irmãos, sermos unidos até hoje, graças a Deus nós não temos nenhuma divergência entre a gente. Isto foi deixado por minha mãe, foi um exemplo que ela deu. Então nós nunca chegamos a dividir. Quando minha mãe era viva, e quando nós dependíamos diretamente dela, ela nunca deixou a gente dividir: “Isso é meu, isso é meu”. “Não, isso é sempre nosso”. Nós, como irmãos, nunca tivemos uma divergência a esse respeito. Esse exemplo ela deu a gente.

Primeiro trabalho

A gente sempre procurou fazer alguma coisa pra sobreviver. Então minha mãe começou a vender confecção nas casas. Naquela época, o comércio só tinha os grandes comércios, então ela comprava aquela renascença, que é um trabalho feito em Porção, muito conhecido, é um trabalho a mão e o pessoal de fora, do Recife, de coisa, sempre valorizou esse trabalho. E minha mãe começou vendendo algumas coisas. Então, quando eu completei quatorze anos, eu consegui um emprego de contínuo no Banco Popular de Caruaru. Ele era situado na praça Deputado Henrique Pinto. Hoje, se o espírito num me engana, é uma farmácia. Então esse Banco era administrado pelo Dr Irineu de Pontes Vieira, uma pessoa muita conhecida em Caruaru. Ele foi político. Eu comecei a trabalhar como contínuo, através do esposo de uma tia minha... Ele hoje é vivo, hoje ele está no Recife. Logo quando eu comecei a trabalhar, houve a revolução (1964). Eu lembro de alguma coisa, mas não entendia o que era, mas lembro de alguma coisa, lembro que nós trabalhamos algum tempo, alguns dias, de portas fechadas. Nós íamos pra lá, pra o Banco, fazer alguma coisa de porta fechada e depois começamos a trabalhar normalmente.

Vivendo múltiplas experiências de trabalho

Passei quase quatro anos no banco. Saí do Banco pra servir o exército, eu saí do Banco pra Marinha, fiz concurso da Marinha e fui servir no Rio Grande do Norte, em Natal. Isso entre 69 e 70. Então, quando eu estava lá em Natal, nós estávamos esperando pra “incorporar”, ou tava dependendo de uma seleção de coisa, mas a gente já tava lá como marinho, só que não tava oficializado, porque na época eu fiz um concurso pra servir numa esquadra. Fiquei na Marinha sem ganhar dinheiro, porque lá a gente tava esperando ainda pra resolver toda documentação pra começar a receber um salário. Muito pouco, era praticamente como uma ajuda de custo e nesse período eu cheguei aqui e fiquei sem trabalhar. Aí, resultado: existia a Focus, que era da família dos Lira, de João Lira, o ex-prefeito João Lira Filho. Eles venderam a Focus para a Mercedes Benz. Depois passou a se chamar CADISA. Meu irmão Clóvis estava trabalhando na CADISA, quando eu voltei da Marinha. Comecei a conversar com o Clóvis, então ele me conseguiu um emprego na CADISA. E nesse período a gente ficou lá. Quando foi em 71, devido a uma fase crítica, Clóvis deixou a CADISA. Eu estava de férias, quando eu cheguei em casa, Clóvis me contou que tinha deixado a CADISA e eu fui lá, pedi pra cancelar minhas férias e pedi minhas contas também. Saí da CADISA. Clóvis botou uma oficina particular e eu fiquei ajudando Clóvis. Clóvis desenvolveu bem e depois dessa oficina montou uma casa de peça, montou uma casa de peça e essa casa de peça teve uma fase muito boa, mas só que também, devido às consequências da moeda, isso e aquilo outro, a casa de peça hoje permanece, mas não com aquele ritmo que tinha. Depois que saí da CADISA e fui trabalhar na oficina, minha esposa estava grávida. Nessa época, tava sendo implantado aqui o Compre-

bem. Eu fiquei desempregado e Nildo, nessa época, tinha o táxi ainda. E que foi que ele fez? Como eu era casado e ele solteiro, ele passou a me dar o táxi pra eu ficar dois, três, quatro dias na praça. Eu, na época, tinha comprado um Aerowillys e tentei fazer linha pra Toritama, que minha esposa é de Caruaru, mas morava em Toritama, mas não deu certo. Como eu tinha minhas despesas e Nildo era solteiro, não tinha essas despesas, também continuou... Acredito que ele continuava vendendo confecção, ele sempre negociava, então ele me dava o táxi. O táxi pra mim não deu certo, eu não me habituei com a coisa... Foi tempo que o Comprebem veio se instalar em Caruaru, aí eu me inscrevi, fui lá, fiz os testes e comecei a trabalhar. Na inauguração do Comprebem, Seu Moraes, um antigo gerente da CADISA, quando me viu lá, perguntou assim: “Mas, rapaz, você não disse que não ia mais trabalhar de empregado?”. “É, mas infelizmente, né? Casado, coisas...”. Aí ele disse: “Vai lá na CADISA conversar comigo”. Aí eu fui. Cheguei lá, ele perguntou se eu queria voltar. Eu disse que queria voltar, pra CADISA. E quando eu fui pedir as contas do Comprebem, que eu tinha dois meses e pouco de Comprebem, que a gente passou um mês e pouco antes do Comprebem inaugurar. Quando eu pedi as contas, o Comprebem não me deu as contas, disse que cobria a proposta. Então eu digo: “Se vocês cobrem eu fico”. Então, quando eles cobriram a proposta, eu fui na CADISA e disse que infelizmente não dava pra eu ir porque era uma firma nova, eu podia crescer e que ia ficar lá no Comprebem. Só que ele não correspondeu com o que prometeu, ficaram me cozinhando. Aí, quando eu completei seis meses certinho, eu pedi as contas. Dois dias depois, estava de novo empregado na CADISA.

Nildo foi em outra direção

Nildo começou também negociando, ajudando minha mãe e depois começou a negociar sozinho. Depois, foi trabalhar na Caruaruense como cobrador e vendia confecção aos funcionários de lá e juntou um dinheirinho. Daí ele comprou um carro e foi um dos fundadores, um dos pioneiros, da praça de táxi da Estação. Depois, ficou Clóvis com uma oficina, fazendo serviço pra terceiros e também pra os ônibus. Aí ficou Nildo, é... dirigindo e Clóvis consertando. Eu às vezes ia cobrar e começamos a tocar pra frente. Bem, isso foi no início de 70, foi mais ou menos em 71, depois de 71. Foi quando Clóvis deixou definitivamente de ser empregado. No período em que voltei pra CADISA, Nildo comprou a empresa. Aí nós nos juntamos, compramos a empresa, e eu fiquei na CADISA, mas ficava... Naquela época tinha as senhas e tinha a ficha que era do estudante, aí ele levava pra eu ler e separar as senhas, contar as fichas pra devolver pros cobradores. Eu tirava uma horinha lá na CADISA, que lá não tinha... Ele não incomodava e eu fiquei ajudando lá e, quando saía de lá, sempre vinha pra oficina, sempre várias vezes ia dar uma volta no ônibus pra cobrar uma coisa ou outra... Fazer alguma coisa, sempre fazia alguma coisa.

Entre a Polícia Rodoviária Federal e a Empresa Tabosa

Em setenta e pouco, eu tava na CADISA, e Nildo e eu fizemos o concurso da Polícia Rodoviária Federal. Nildo se inscreveu e me chamou. Fiquei na Polícia lá vinte anos. Aposentei-me em 1996. Depois, voltei, voltei não, eu nunca deixei, eu não participo diretamente porque eu não tenho... É o seguinte, eu fiz o quê? Eu passei 20 anos na Polícia, a Polícia é um trabalho que você é orientado pra o quê? Fiscalizar. Fiscalizar, punir e reter. Então a estrutura da gente, pra gente sair de um setor desses, quer dizer, com certa autoridade que a gente tem, que

tem que impor aquela autoridade de atender acidente, de fazer segurança pra sociedade, de coibir a sociedade de algumas infrações, então, pra você comandar, vamos dizer, uma empresa você tem que ter uma cabeça muito boa e eu, modéstia à parte, tenho. Só que eu tenho minha maneira de fazer. E, em termos de polícia, pra você trabalhar numa empresa, o trabalho é diferente. Então eu nem quis, Nildo tem uma maneira muito vaidosa de administrar e a gente, pelo menos eu e o Clóvis... Eu, particularmente, nunca quis interferir na administração dele. Porque eu acredito, e temos exemplo, que deu certo todos esses anos, então nós não queremos interferir. Tem gente que diz: “Mas rapaz! Por quê?”. Não, eu não interfiro porque é uma questão nossa, pela maneira que nós convivemos. Nós não interferimos na maneira dele administrar, que não é de nosso interesse, quer dizer, quando você vai mexer com uma coisa, quando você vai é... querer mandar também, vamos dizer assim, você vai de encontro porque cada cabeça é um mundo, então nós nos isentamos de... Não, a administração é sua, você faça... Ele tira, ele bota, nós não temos... quer dizer, muitas vezes a gente: “Rapaz, não sei o quê. Mas administração é ele quem faz, entendeu? Isso aí nós nunca quisemos interferir e achamos que... É a maneira que nós fizemos até hoje, desde que comprou a empresa até hoje a gente nunca interferiu na maneira de administrar. Pra gente, ela está muito bem administrada. A maneira que ele administra. Depois da aposentadoria, veio a reaproximação e aí foi tudo normal. Porque, devido ao meu trabalho, quando vim trabalhar aqui perto, e o meu serviço era inspetor administrativo de serviços gerais, então eu tava. Eu convivi aqui quase direto porque eu consegui algumas viaturas de Recife, de Petrolina, tudo, trazia pra aqui, pra recuperar aqui. Então eu mesmo vinha praqui e alguma coisa eu ficava fazendo nas viaturas e andando e cobrando. Quer dizer, pedindo pra Cló-

vis fazer. Então eu fiquei, quer dizer, integrado e meu tempo era muito pouco pra eu me dedicar à empresa e a empresa também... Eu nunca cheguei a me dedicar diretamente a ela porque eu sempre tinha meus afazeres e, quando não tinha, eu gostava de tomar uma cerveja, uma coisa ou outra. Então a minha participação na época que eu trabalhava era muito pouca aqui. Nunca deixei de tá, vamos dizer, ligado a meus irmãos, tudo, mas a participação minha direta na empresa era pouca, eu não pude... Meu trabalho era outro, a minha preocupação era outra, eu trabalhava interno, quer dizer, eu não tinha praticamente folga. Então a gente se dedicava muito. Eu, particularmente, me dedicava muito ao serviço público.

Depois da aposentadoria...

Minha relação com a Tabosa é como eu lhe disse, nós temos um bom relacionamento... Esse que foi dado pela nossa mãe, que esse aí acho que só quando morrer é que a gente pára, e a Tabosa é como eu lhe digo, a administração é de Nildo, nós não interferimos, eu particularmente, porque é maneira que nós fomos, nós nos unimos e fazemos dessa maneira e pra mim ele está muito bem. Eu não interfiro porque é uma maneira... uma coisa que nós criamos entre nós mesmos e nos damos muito bem, entendeu? E temos essa maneira de fazer. Só que eu não quero participar diretamente da empresa porque eu tô cada dia... Ultimamente quando me aposentei... Eu digo, eu vou ali na praia, aluguei uma casa, passei seis meses na praia. Às vezes, vou pra praia passar oito dias, passo dois meses, entendeu? Aí eu não quero assumir o compromisso. Depois que eu me aposentei, eu digo, eu não tenho mais compromisso. Então não vou assumir compromisso com uma coisa que eu não tô querendo e acho que a minha parte eu fiz. Foi o tempo que eu trabalhei na polícia e quando tenho tempo, quando tô com vontade, venho praqui,

quando... Às vezes, vou pescar na quinta, na sexta, venho na segunda. Aí, quanto tô desocupado, fico aqui. Quando tô cansado, às vezes a gente tá cansado, passo dois, três dias em casa, volto. Mas nunca deixei de ter espaço porque, primeiro, eu sou um dos sócios, né? E pra trabalhar, é o tipo da coisa, eu trabalho um dia quando quero e quando tô com vontade e, quando eu vejo que tem alguma coisa pra fazer, que eu tenho condição de resolver, eu vou e resolvo. Eu gosto muito de mexer com ferramenta. Às vezes chega na agência um carro quebrado, uma coisa ou outra, aí eu vou com Clóvis, ajeito, mexo pra lá, mexo pra cá. Então, eu gosto de tá me movimentando. Eu não tenho mais cabeça pra tá quebrando, porque eu quebrei muita cabeça na policia. Porém, só me afastarei da Tabosa quando eu morrer, né? Quando eu morrer, eu me afasto, né? Eu posso fazer como eu faço, vou embora pra praia, passo quatro ou três meses, que eu gosto muito, mas me afastar não. Primeiro que, eu me afastando da Tabosa, eu tô me afastando dos meus irmãos e de meus irmãos eu só quero me afastar quando eu morrer, entendeu? Então... Agora, de trabalhar, o trabalho pra mim é um lazer. Tanto faz tá trabalhando como não. Hoje o trabalho pra mim é um lazer, então eu vou lá pra me movimentar, pra não tá, vamos dizer, sem fazer nada. Eu, quando me aposentei, passei uns dias, eu digo... Vou descansar. Mas, em vez de descansar, eu gostava de beber, passava às vezes o dia todo, todo dia bebendo e... Quer dizer, tava sem nenhuma responsabilidade. E aqui, pelo menos, eu tenho um pouco de... Me dedico e me responsabilizo com alguma coisa, mesmo que essa responsabilidade, pra mim, eu faço no meu limite. Eu começo a fazer uma coisa hoje; se eu quiser, venho amanhã. Eu venho, eu não tenho compromisso. Se eu não quiser, eu não venho, porque eu não tenho obrigação de tá fazendo. Eu penso dessa maneira e ajo dessa maneira.

Os conflitos na administração

Nós temos um bom relacionamento... Essa a herança que minha mãe deixou, nós somos muito unidos, nós não temos é... nenhum... Nós temos, às vezes, um bate-boca, que isso é normal com todo mundo, mas aquela... Quando uma criança faz uma determinada coisa, você dá um tapinha, faz assim, volta e tá tudo normal. Então a gente às vezes tem um bate-boca, uma coisa ou outra, mas isso aqui é da formação do ser humano. Mas, graças a Deus, a gente é muito bem-vindo, nós não temos nenhum problema, graças a Deus, nós temos um relacionamento muito bom. E hoje, pelo que nós vemos aí, o que a gente lê, escuta e vê, é... Pelo menos com família de Caruaru que tinha coisa, que tinha alguma coisa que os pais depois que morreram os filhos depois debandaram. É um brigando com o outro... Nós, graças a Deus, não temos isso, não temos... Vivemos muito bem. Temos um relacionamento muito bom.

O filho e a empresa

Júnior (Rubens Júnior) trabalha há muito tempo. Tem uns quatro anos que ele tá aqui ajudando. E ele tem que começar a entender a coisa e ter responsabilidade. Então ele, quando terminou o ginásio, né? Aí então ele veio pra cá, hoje tá na faculdade, tá terminando, esse ano agora em junho (2005) ele termina Turismo. Mas aí ele dá o expediente aqui normal, faz as suas obrigações.

DONA SALETE

Mostrando-se uma mulher inteligente e de muita fibra no trato com as pessoas, atenta às questões que afligem os colaboradores no seu cotidiano, “Dona Salete” implantou inovações importantes que estreitaram os laços entre a direção e os colaboradores, como o café da manhã servido aos funcionários todos os dias e a contratação de mulheres como cobradoras.



Narrando o começo

Eu poderia dizer que o início dessa empresa teve um grande marco na minha vida. Eu já existia na vida de Clemildo (Seu Nildo), fazia parte do dia-a-dia dele e ele teve assim uma ousadia fora do comum, em ter partido num momento, não com uma empresa, porque naquela época não era dito empresa, se chamava linha de ônibus. Era uma coisa bem simples, bem popular. Fulano tinha uma linha, então era o homem rico da cidade. E ele vindo de um táxi, sem muita condição, mas com certa experiência de ônibus por conta do trabalho dele na Caruaruense e o dia-a-dia, a vontade que ele tinha, acho que de crescer de alguma forma e ter essa ousadia, juntamente com o irmão, de entrar nessa compra. O irmão com o conhecimento da pessoa em si que tinha a linha pra vender. Um amigo que já trabalhava na época, já na oficina do irmão e ele com muito trabalho, com muita luta; sempre sem medir esforços, dia e noite. Foi motorista, foi cobrador, quando necessário; desatolou carro até quatro horas da manhã, cinco horas; enfim, foi tocando como foi possível e eu vi isso acontecer no dia-a-dia, foi tudo muito

complicado. E lembro dele quando ele foi começar, ele tinha um táxi na praça, quando eu o havia conhecido e ele teve assim uma... Não tinha nada pra dar de entrada na época, porque era mais ou menos assim: um táxi ele já havia trocado numa loja da mãe dele, D. Maria Augusta. Na época, tinha, me parece, um terreno que ele tinha conseguido, um sitiozinho, coisa pequena, da luta dele com a mãe já vendendo calçados, que ela sempre foi muito trabalhadora. Iam buscar esses calçados lá em Timbaúba. Era uma coisa pequena, mas um sítio de frutas, uma coisa assim que na época serviu como entrada. Nissinho era uma pessoa que era o proprietário da linha e ele fazia assim, negócio com qualquer coisa. E entrou Nildo com esse sítio, o irmão dele com o conhecimento, e o outro rapaz (sócio de Seu Clóvis na oficina) entrou com um Fusquinha. Como sociedade nem sempre dá certo, logo, logo, foi preciso que o rapaz tivesse o Fusca de volta e fosse desligado da negociação. Ficou Clemildo só, de frente com tudo... Não só responsável pelos funcionários, pelos ônibus e a papelada em si. Clóvis ficou com a manutenção dos veículos. Era uma luta dia e noite, eles trabalhando realmente com muita garra, pra dar conta daqueles valores que teriam que ser pagos. E foram comprando ônibus e foram agregando, como se diz e chegando mais um; e troca aqui, troca ali; dando entrada, até que eles conseguiram tocar esse barco até então, como sempre, linha de ônibus, não tinha história de empresa. Como a coisa foi tomando um rumo diferente, o governo foi exigindo documentação, querendo uma coisa mais registrada; a coisa não podia mais funcionar como antes, um simples comércio que dava emprego, que não tinha fiscalização. Nildo percebeu que era preciso documentar a empresa para mudar aquele quadro. Lembro bem que na época a mãe dele fez questão absoluta de que Nildo colocasse não só o nome dele, não ficasse no nome dele só. Ela dizia que tinha os

dois irmãos e que os dois irmãos, além de um já ter entrado no negócio com ele, era um irmão e tinha filhos pra cuidar e precisava que fizesse parte dessa situação, da atual, no caso, sociedade. Os três teriam que passar a ser sócios. E assim ele fez, ele colocou o nome dos três e foi tocando o barco. Não foi fácil, sempre no dia-a-dia teve muita divergência por parte da família, por parte lá fora, com a justiça fiscalizando tudo. Começou a coisa crescendo. A prefeitura exigindo mais. Eu, dona de casa, cuidando dos filhos, levando ao colégio, trazendo. Queria ajudar, mas não tinha muita aceitação, era muito difícil...

No comando: uma mulher entre os homens

Eu tomei uma certa posição de ter uma participação nesta situação, porque eu não podia continuar como estava. Comecei entrando e fui tentando enquadrar algumas coisas; modificar, sem conhecer bem, mas eu ia e estudava e escutava ali e tal e fui criando algumas fortificações e eu tenho certeza que ajudava; fui importante. Por mais que alguém se esqueça hoje, mas essas ações tiveram grande valor na época. Esse pulo foi grande. Para eu vir aqui pra dentro participar de alguma coisa, deve ter passado uns dez anos, ou alguma coisa desse tipo. Briguei por isso. Briguei sério, dei tudo que tinha. Joguei pro alto tudo o que tinha pra participar, porque eu via ele sozinho, sem um apoio aqui dentro e eu em casa somente sendo mãe de família e os meninos já estavam crescendo, precisavam participar de alguma forma e eu precisava chegar junto, não só pra dar aquilo que eu sabia que podia dar; como também meus filhos se iniciando de alguma forma. E não foi fácil. Claro que quando eu cheguei foi tudo muito sutil, que eu não podia chegar assim e já ir... Mas trabalhei dia e noite, comecei criando essas reuniões de funcionários, na época a gente criou um sistema tipo 'normas' que a gente ia olhar pelos códigos, o que era permitido

fazer. O sindicato não era muito atuante nessa época, mas já existiam os códigos, algumas coisas que você podia trabalhar em cima dele. E eu fui criando, fui bolando; eu fui vendo a questão do cobrador, que eram pessoas assim... A gente foi trabalhando com eles, depois via que existia uma coisa assim... Que tava tudo errado, era muita coisa. Tinha muito desmantelo nesse meio e eu fui tentando fazer uma modificação aqui, outra ali: contratava um, demitia outro e fui mexendo no quadro até que a coisa... Eu acredito que dei um jeito.

Mulheres cobradoras

Até mesmo hoje na contratação de cobradoras, quando surgiu a linha do Shopping, a gente fez questão de começar com cobradoras. Nildo não queria de jeito nenhum. Brigou feio porque um pouco antes a gente tinha experimentado cobradoras e não deu certo (deve ter sido em 80, em 81). Quando surgiu o Shopping, a gente pensou na possibilidade de contratá-las. Eu pensei e lancei a proposta, mas não foi aceita. Foi muita guerra pra fazer com que o Shopping desse uma coisa diferente, aquele pulo pra gente sentir. Então eu sugeri pra ele que a gente contratasse, em vez de pessoas jovens, como tinha sido a primeira vez, pessoas já com trinta e cinco anos, porque essas pessoas já teriam um relacionamento definido porque já teriam tido seus filhos; enfim eram pessoas que tinham responsabilidade. Até mesmo no comércio já não tinham mais condição de se encaixar em nada porque hoje trinta e cinco anos no comércio já é velho, é taxado de velho, não serve mais. Então a gente fez aquela... Um desafio, um verdadeiro desafio. De tantos outros que eu já havia comprado e mudado as coisas aqui dentro, eu quis mudar essa coisa do cobrador e funcionou, a gente começou recebendo elogios, pessoas telefonavam dizendo que a mulher tratava melhor e nós fomos eliminando, na medida em

que o cobrador ‘escorregava no seco’, já tava fora. Então eu não esperava que Nildo chegasse, eu já jogava a minha autoridade de ‘doida’ mesmo e fazia a coisa certa por aí; quando ele chegava já tava na rua, então ele já assumia. Ele não desfazia aquilo que eu entendia como certo. Aí imediatamente ia colocando outra mulher. Até que hoje a gente tem um quadro de quatro cobradores, o resto é tudo mulher. Iniciou com a Tabosa. Eu tentei inclusive fazer com que as outras empresas fossem juntas com a gente na idéia. Elas não topavam, diziam que jamais daria certo, nada. E quando a gente vivenciou isso seis meses, oito. De repente eu instalei 90% das pessoas, acho que até a Caruaruense, que não aderiu jamais - era tudo cobrador-, hoje tem cobradoras, ou seja, a contratação delas... Já tem bastantes pessoas trabalhando. Eu acho que a vida toda, a gente, mulher, foi muito discriminada e ninguém acredita muito no trabalho da mulher; ou seja, o homem aprendeu que a mulher só sabe mesmo lavar prato, viver criando menino e acabou. Eu acho que não é por aí. Então a partir da hora que eles viram que tava funcionando... Uma prática horrível que a gente tinha de passe, de coisa. E os meninos se juntavam e topavam fazer, porque jovens, porque não entendiam que tinham de ter responsabilidade com nada. Achavam que trabalhavam aqui, noutro dia estavam em outro canto e tava tudo bem. Ou seja, aqui Seu Nildo não ia ver nunca, porque Seu Nildo realmente não parava muito pra ver essas coisas. Então eu acho que a coisa começou por aí, o pessoal vendo que funcionou aqui. Em seguida a São Cristóvão adotou. Eu havia insistido com eles e eles não topavam e de repente eu soube: vai contratar. Eu digo: “Não acredito”. Então vibrei com isso. Depois a Caruaruense e daqui a pouco tá todo mundo aí com cobradoras. E foi melhor, hoje pelo menos a gente tem um quadro, acredito que bem mais organizado.

O café da manhã

Foi vendo a necessidade de criar um café, eu achava que... Alguém dizia: “Olha, o carro do motorista *x* tá parando no ponto pra tomar um cafezinho de manhã”. Digo: “Não seja por isso, vamos criar um café aqui de manhã, então providenciamos pra que, antes deles saírem, já tomassem um café aqui reforçado, pra não precisar parar”. Isso existiu e existe ainda hoje.

Entre os funcionários: surpresas e resistências

Olhe, eu acho assim, que foi pra eles (os funcionários) uma surpresa, porque eles não esperavam nunca que Seu Clemildo, sendo uma pessoa do caráter que ele é, difícil; achando também, como todo mundo, que o lugar bom, ideal para mulher era em casa, uma mãe cuidando dos filhos. E eu ir chegando e já ir assim dominando uma situação, porque eu buscava... Às vezes à noite eu não dormia pensando como bolar uma situação pra livrar a gente de outra que tinha se criado aqui e no outro dia eu chegava com isso em mãos e eu lançava. Então foi difícil pra eles, não foi fácil, não. De início eu acho que eles tiveram aquele choque, que achavam que isso nunca ia acontecer. “Seu Nildo era Seu Nildo” e ele era sempre quem ia fazer a coisa certa, ou seja, eles iam continuar fazendo errado aos olhos de Seu Nildo. Seu Nildo não ia ter tempo de parar e ver, porque tava envolvido com muitas coisas, sozinho. Então não tinha todo esse tempo pra fazer e eu jogava, eu não queria saber se dava certo, eu fazia e, graças a Deus, dava certo. Então, eles de início ficaram chateados, alguns deles tinha assim um certo pavor de mim. Tinha deles que ia fazer um vale, se alguém chegasse e dissesse: “A mulher está aí”. Pronto, ele não fazia, ele esperava por Seu Nildo. Aí o que é que acontecia? Seu Nildo não fazia o vale porque ele não veio até a minha pessoa, se era por mim que o vale saía. Então ele tinha que vir. Então houve

uma compreensão nessa parte. A partir da hora que eu consegui entrar... Eu, com o respeito de Seu Nildo, porque se não tivesse havido eu teria sofrido muito mais. Então, no que ele apoiou ficou fácil, eu fazia e ele não desfazia, e ele via que era a melhor maneira. Eu introduzi isso na cabeça dele. Hoje o nosso quadro cresceu, graças a Deus, então diante disso, hoje, o pessoal que chegou já me encontrou, então não teve tanta resistência, claro que já vinham com a informação, “a mulher de Seu Nildo é assim, assim, Seu Nildo não”; “a gente faz... mas a mulher de Seu Nildo é diferente”. Eu não tolero abuso. Eu acho que você ou se presta a um serviço ou você corre perigo. Pra você fazer mal feito e ainda ter o deboche de dizer que não sabia, que não conhecia, quando de fato você tem diariamente o contato comigo e sabe a maneira que é pra ser feito. Você tem em mãos, vamos dizer assim, um contrato onde reza a prefeitura, sindicato, que hoje existe bem atuante. Então, eu sei as minhas normas e ele sabe as dele; quando ele entra, ele recebe em mãos deveres para com a empresa: assim como a empresa tem com ele, ele tem com a gente. Hoje eu tenho o orgulho de dizer que quando vai ser contratado um cobrador para a empresa, tanto o meu marido, quanto os meus filhos me chamam pra fazer essa entrevista. Eles não passam, não chegam a ir pra catraca antes de ter passado por mim. E os funcionários de hoje que são aquelas pessoas que eu recebi, eles já vêm sabendo quem eu sou. Os que tinham compromisso com a verdade, permanecem me achando a pessoa certa e indicada e sentem minha falta e cobram a minha presença. É incrível como eles me cobram, por que eu não estou esta noite; por que eu parei de vir, por que eu deixei... E eu não parei. Apenas o horário deles não coincide com o meu. Porque eu saio de casa 4h40 da manhã, com Clemildo, e só saía quando fosse possível, todos os dias, e eu era quem fornecia esse café pra eles aqui. Começou na gar-

rafa, eu fazendo lá no fogão, trazendo pra cá. Até que deixei a máquina instalada pra os outros servirem.

Uma nova disciplina no trabalho

Quando entrei aqui, as contas vinham num pedaço de papel de cigarro, vamos dizer: os cobradores chegavam lá, entravam na catraca, começavam a trabalhar, anotavam tudo no papel de cigarro. Depois ele anotava: ‘Tanto de passe e tanto de dinheiro’ e entregava, jogava isso lá e ia embora sem a menor responsabilidade. O dia em que eu entrei, a coisa começou a mudar por aí. Eu comecei a criar um papel onde ele podia anotar dinheiro; passe, caso fosse estudante; vale-transporte, naquela época não tinha; era mais dinheiro mesmo. Aí eu fui criando. A prefeitura foi exigindo da gente, recebeu vale-transporte, recebeu servidor, recebeu estudante. Eu fui criando dentro daquele mar de coisas manuais, isso é, pilhas de papel que eu fazia com carbono e passava pra eles da melhor forma pra eles me entregarem aquilo. Só que eu não confiava de eles me entregarem, irem embora e tá tudo certo. Não, eles vinham e conferiam tudo comigo e se desse errado eu já chamava de imediato e tentava resolver aquele problema. No máximo, eu dava mais uma chance a ele. Se não corrigiu, então depois a gente já tava resolvendo em comum acordo. E eu fui criando questão de horário, escala de cobradores. Como é que funcionava, qual era a melhor maneira. Então a gente foi chegando junto e estudando aquele melhor horário. A gente foi trabalhando todo o processo, eu fazia a conferência toda em geral. Toda, toda a empresa passava por mim, não só os valores que entravam, como a responsabilidade do pagamento de todo aquele pessoal que trabalhou e tudo passava por minhas mãos. Então, era eu e Clemildo, o tempo todo. Apesar de terem surgido os sócios, ficamos eu e Clemildo.

Entre o lar e a empresa

Os meninos iam para o Colégio Sagrado Coração pela parte da manhã, à tarde eles já vinham pra cá. Então uns colavam passe, outros já separavam mochila. Era aquela coisa: a gente botava, eles chegavam numa boa. Almoçou, fez a tarefa ou trazia pra fazer aqui e a gente saía daqui seis, sete, oito da noite, não tinha hora. A hora que fosse pra trabalhar, tava todo mundo aqui. E sempre criando e sempre tentando renovar.

Os filhos

Todos tiveram participação. Depois Clemilton saiu pra estudar, mas agora tá de volta e não vai mais escapar daqui. Chrystianne tem capacidade pra fazer todo e qualquer movimento aqui dentro. Clemilton pelo fato de ele ter passado muito tempo fora, tá começando a se engajar e tal, mas ainda tem algumas dificuldades porque não tem o conhecimento cem por cento de como a coisa realmente funciona. Funcionava pelo menos no tempo que ele tava fora; tá chegando junto. Mas Chrystianne dominou o quadro cem por cento.

A Tabosa e os compromissos

Eu acho que a empresa Tabosa hoje... ela tem o dom das graças de Deus, sempre teve desde o início, porque a gente teve uma preocupação muito grande de honrar em primeiro lugar os compromissos. Na minha casa todos os afazeres, todas as compras, tudo o que tinha, tudo o que precisava pra qualquer um da gente, sempre foi depois de pagar aos funcionários, depois de pagar a duplicata, depois de resolver isso e isso, depois de pagar os impostos. Então, quando isso funciona desse jeito, não tem muito como ser mal visto lá fora. Na pior das hipóteses, a gente trabalha com o ser humano e o ser humano sempre tá falhando de alguma forma. A gente falha aqui, eles falham lá.

Existe a coisa da reclamação do usuário, que chega ao nosso ouvido e isso incomoda. É muito ruim.

O diálogo da Tabosa com as outras empresas

Nosso relacionamento é maravilhoso. Graças a Deus, não temos de que nos queixar. Cada um vive na sua área. Não existe nenhuma modificação que a prefeitura queira fazer. Todo mundo sempre conversa, todo mundo briga, se for preciso, mas sempre havendo o respeito por cada um. A gente não tem grandes problemas, a gente tem grandes aliados e ajudamos na medida do possível, da experiência. Todo o legado que a gente tem, a gente tenta passar pra eles. Apesar de tudo isso, tem alguns que chegam bem depois. Continuamos sendo pioneiros. Com muito orgulho, diga-se de passagem.

Empresa familiar: vantagens e desvantagens.

Eu acho vantagem a gente saber com quem tá trabalhando, tá fazendo no dia-a-dia. Tá dando o nosso sustento, tá dando, sobretudo, condição de a gente saber que isso é hoje pra não ser amanhã, como qualquer outro negócio. Mas hoje dentro da nossa situação, do dia-a-dia, como no dito popular, é o que a gente tem de melhor pra saber: que aqui dá pra se manter; dá pra manter a família, dá pra se levar; não se junta, dá pra manter os funcionários em dia, dá pra manter os filhos, como se diz, com um padrão de estudo. E isso nos orgulha muito. Então, não é fácil, não tem hora pra dormir, não tem hora pra acordar. Os problemas existem de todas as ordens que se possa imaginar, mas tem aquela coisa, aquela segurança de que a gente tá fazendo uma coisa, pensando que amanhã vai tá tendo a feira certa. É por aí. As desvantagens a gente procura jogar, procura esquecer, procura... A partir do momento que a gente resolve, a gente procura esquecer aquele ocorrido ruim, a gente procura

trabalhar em cima do que é melhor, que é a satisfação de servir, de saber que tá gerando emprego pra outras famílias. É muito gratificante. Eu vejo hoje que chega uma pessoa perto de mim, quando eu emprego... Uma cobradora... Outro dia o irmão de uma cobradora disse a mim: “Você deu vida a minha irmã”. Eu não o conhecia; eu me emocionei com aquele ato dele. Ele chegou e disse: “Eu queria dar uma abraço na senhora”. “Por quê?”. “Porque a senhora deu vida a minha irmã. Minha irmã não sabia o que era vida, ela vegetava, e hoje ela é uma pessoa que tem vida”. Isso me deixou chorando, porque eu não esperava uma atitude dessa, do irmão de uma funcionária. Ela vibra todo o dia, toda vez que me encontra. Então isso eu acho que faz com que eu esqueça que dentro desse nosso quadro tem pessoas, às vezes, que aborrecem, que abusam da boa vontade da gente. Então, essas coisas ruins a gente supera e procura esquecer, porque, se não fosse, não dava pra tocar. Partir pra qualquer outro movimento.

Sobre os outros pioneiros

Clóvis continuou sempre com o irmão na questão de... todo o entendimento. Eles se entendem, conversam. Apenas são aquelas pessoas que sabem. Porque a coisa pode ter sido, vamos dizer, dada de boa vontade, de coração. Existe a sociedade, existe. Então ele não é de chegar aqui, se Nildo quiser alguma coisa, e ele dizer não, não faz, não. Então, o que Nildo quiser fazer, ele tá assinando em baixo sem nenhum problema. E tem o Rubens, que é uma pessoa que não participa muito, mas faz parte. Visita a empresa esporadicamente. Eles (Clóvis e Rubens) não assumem funções administrativas. Eles ajudam no que podem. Qualquer tipo de burocracia lá fora que tenha assim tipo... Se é alguma batida, o Clóvis tem mais jeito de conversar, chega lá e vai negociar. Rubens gosta muito de me-

xer nos tanques de eletricidade, vai lá e fica mexendo na eletricidade. Dá uma opinião, a gente executa e tal, mas realmente a administração continua com Clemildo, e essa equipe vem desde o início.

A Tabosa diante das mudanças e permanências

Antes não existia prefeitura, fiscalização. No dia da sexta-feira da Paixão a gente não trabalhava, por opção nossa. A gente achava que não devia. Então nesse dia a gente não trabalha. Eu acredito que naquele momento, que as coisas eram feitas todas de forma manual, sem a lei funcionando, eu não sabia bem o que fazer. Então, a gente tentava juntar o útil ao agradável. Então, na medida em que os problemas iam surgindo, a gente tentava dar uma solução pra eles. Você fazia consciente de que tava fazendo certo, embora lá fora a lei já existisse pra outras empresas e, na medida em que a coisa foi se desenrolando, foi crescendo, foi necessário que a gente se modernizasse. Foi chegando computador, programa; maneiras diferentes de trabalhar. O que eu me orgulho de tudo isso é que muitas coisas que foram criadas manualmente, mesmo com computador, hoje permanecem. Teve seu valor, teve sua importância. Foi útil naquela época e continua até hoje. As fichas são um exemplo disso: um funcionário dizendo que trabalhou quando não trabalhou. Hoje eu posso provar. As fichas de anotação... Lembra da maneira como aquela conta chegava, naquele papel qualquer, de cigarro? Hoje tem mapa já trabalhado diretamente pela gráfica. Mas foram coisas criadas na época manual. E daqui da Viação Tabosa. E por isso eu me orgulho, fui eu que criei. Então hoje... O trabalho que eu tinha de fazer com o carbono, quatro, cinco folhas... só mudou o jeito de ser feito, mas ele permanece. O café que eu achei que era necessário criar, que eu criei e permanece hoje, pra mim é o maior orgulho - diga-se de

passagem: algumas pessoas já copiaram, mas agora, agora. Tem gente que começou esse ano e eu faço isso desde quando? Eu acho que as coisas do velho e do novo se complementam. Eu acho que a empresa não poderia existir só com o novo, porque eu teria acabado até com o estoque; não sabia como teria sido. Então, eu acho que tem coisas velhas que vieram e que foram aceitas e permaneceram. Fardamento (porque na época não existia fardamento), eu achei que o funcionário deveria ter um fardamento. A prefeitura veio exigir depois. Só que a gente já tinha, porque a gente entendia que a empresa deveria ter uma roupa padrão pra trabalhar, se identificar; com o nosso nome, nosso logotipo, e dizer: eu sou funcionário da Tabosa. Quando o Sindicato veio exigir cartão de ponto, a gente já tinha. Então, muitas e muitas coisas que eles vieram trazendo, sempre que pediam, ou seja, que chegava, a gente mostrava. Eles ficavam, diga-se de passagem, admirados, porque achavam que a gente não tinha aquilo ali. As inovações são, quase sempre, o resultado das dificuldades do dia-a-dia. Vamos dizer assim: antes de eu chegar para fazer as conferências, como era que aquele papel chegava? Então eu disse: “Exijo de você todos os dados aqui e a assinatura”. Então, você vai tá me entregando uma coisa que eu possa arquivar por tempos e tempos, e amanhã, depois, dizer: tá aqui o seu trabalho. É mais ou menos por aí. Foi do dia-a-dia, foi do aborrecimento com isso, com aquilo. Vamos dizer assim: numa noite de São João rodaram tantos veículos esse ano, um ano depois, dois. Clemildo dizia: “Eu não sei se boto carro nesse dia”. Eu tinha guardado quantos ônibus, eu coloquei pra rodar à noite, numa noite de festa, num sítio, numa vaquejada. Qualquer coisa desse tipo. Então eu ia lá nos meus papéis, puxava aquilo ali e dizia: “Olha aqui os carros rodados”. Era a necessidade do dia-a-dia que fazia com que cada vez mais eu me movimentasse. Um ônibus foi rouba-

do, eu não lembro bem qual foi a data. Não tem problema, eu venho no livro de ocorrência, puxo: tá aqui, tal dia. Foi a cobradora fulana, o motorista fulano, a linha tal, ocorreu em tal hora. Então isso pra mim é uma coisa que não deve morrer.

Novos atores: Filhos

CLEMILTON TABOSA



Filho mais velho de seu Nildo e Dona Salete e formado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Clemilton pode ser definido como uma pessoa comunicativa, aberta às novidades e que também dá grande valor a aspectos da tradição, como a família e a crença religiosa. Preocupado com as questões sociais, participa como voluntário de um projeto de educação popular desenvolvido pelo CEPA – Centro Educacional Popular Assunção. Sua trajetória na Viação Tabosa começou a ser lapidada ainda criança, quando visitava a empresa com seus pais. Tais experiências foram muito importantes para desenvolver no jovem uma maior sensibilidade para os negócios da empresa, a relação com os colaboradores e com a sociedade local.

Memórias: a infância entre a casa e a empresa.

A empresa, pelo que me contam, tem trinta e um anos, então, assim, é mais ou menos contemporânea da época que nasci... Eu tenho lembranças da infância, meu pai saindo pra trabalhar... E muitas vezes eu queria ir com ele. No começo ele não permitia que eu fosse. Acho que... Hoje eu também sou pai... Atrapalha em alguns momentos. Então ele até brincava: “Ah, vai ver se eu tô ali na esquina”. E eu ia ver e, quando eu via, ele tinha escapulado. Eu passei um tempo realmente assim, assistindo o quê? Meu pai saindo pra trabalhar, voltando pra casa depois de um dia longo de trabalho. Passei boa parte do

tempo realmente com minha mãe. A presença marcante foi de minha mãe, ela deixava que a gente espalhasse os brinquedos, deitava com a gente. O corpo dela na minha fantasia era uma montanha de onde eu saía com os carrinhos. E painho também foi, do jeito dele. Agora, realmente o trabalho ocupava um espaço grande. Aí eu sei que com sete anos... Isso eu tenho lembrança, eu já tava lá na empresa e ia cedinho com ele, de madrugada. E eu o ajudava a abastecer os ônibus, na época. Hoje eu fico vendo quanto eu cresci, porque na época pra poder abastecer era preciso subir num banquinho e a mangueira ficava em cima do meu ombro direito, e tinha que apertar numa posição difícil. Pronto, então assim fui crescendo ali dentro. Painho muitas vezes ia substituir um motorista, ia dar uma viagem, ou duas, ou três, dirigindo mesmo. Então, eu ia com ele, eu sentava assim ao lado. Isso eu devia ter até menos de sete anos. Num desses ônibus modificados, do lado esquerdo do motorista tinha uma espécie de banquinho ao lado da alavancazinha que se usa pra acionar, abrir e fechar as portas. Então, eu ficava encarregado de abrir e fechar. Então a gente orientava, tinha cuidado de observar pelo retrovisor se a pessoa já tinha subido. Assim, me deixava fazer, mas sempre supervisionando aquilo ali. Então, eu lembro muito. Era mais, era mais... Eu tenho lembrança mais assim à noite. Agora tenho assim, vamos supor, lembranças assim das festas sempre presentes. Momentos fortes, né? Aniversário é... Todos os dias presentes. Agora que depois de um dia todo de trabalho. Então, assim, terminava sendo mais fácil encontrá-lo mesmo no trabalho.

Pausa para estudar. Um aprendizado para vida e outro para a empresa

Lembro de ter feito um cursinho no Exatus, na época que era aqui no bairro Petrópolis. Eu tentei o vestibular. Foi quando

eu passei na Fafire em Psicologia, mas não passei na Federal. Eu só fiquei sabendo que tinha passado na Fafire quando o prazo de matrícula já tinha terminado. Então, assim é... Eu também não recebi com muita tristeza não, fiquei contente porque realmente pelo menos passei no primeiro vestibular, não tinha passado na Federal, mas, tinha passado na Fafire. Fiquei contente, mas também porque fiquei com mais tempo, não apenas pra me preparar do ponto de vista das disciplinas, mas me preparar mesmo pra sair, pra ficar morando, já que não ia poder morar em Caruaru e estudar no Recife. Aí foi quando... Acho que foi em 94. Aí fui retomando as atividades também, né? Porque durante a época do vestibular, terceiro ano também, isso refletiu na... no tempo mesmo ali na empresa. Era estudar mesmo, era estudar. Em 94, primeiro semestre, tava podendo fazer alguma coisa na empresa. Quando foi no segundo, fiquei fazendo cursinho em Recife. Dois dias na semana: era na sexta e na segunda-feira. Aí também tava no clima de me preparar pra vestibular. Com certeza, refletiu na minha carga horária e, quando passei na Fafire, passei na Federal em Psicologia.

Os estágios: uma oportunidade para ampliar a visão social

Acho inconcebível estudar somente as teorias, os livros, os autores. É preciso, assim, uma experiência prática, principalmente no período mesmo em que se está vinculado a uma faculdade. Então, assim, eu pude ver que a aprendizagem era dobrada e... Enquanto ser humano também, assim, poder me aproximar mesmo, digamos, hoje eu posso me aproximar de uma pessoa com dependência alcoólica com outro olhar - isso a partir mesmo da minha inserção no estágio. Mas não só por isso... mas também eu sempre gostei muito de estudar. Então, na faculdade eu tava procurando já desenvolver uma pesquisa que fosse minha. Aí busquei um tema, um objeto que tivesse a

ver com aquilo que eu tava fazendo naquele momento - que eu tava lá no espaço, no CPTRA (Centro de Prevenção, Tratamento e Reabilitação do Alcoolismo). Pronto, na época fui tentando ver um pouco como se dava essa construção da identidade do alcoolista, estudar um pouco a trajetória. Com isso aí, eu aumentei o meu tempo de estágio, eu terminei meu estágio extracurricular e fiquei lá como pesquisador por um bom tempo fazendo entrevista, né? Aproveitando minha experiência já de estágio. Aí eu sei que depois desse... Lá eu já fiquei sabendo que muita gente também já tinha... Como o CPTRA funcionava assim, num local que antes era o sanatório do município, inclusive ainda tem o nome ao lado do hospital, do Ulisses Pernambucano, da Tamarineira. Então, quando eram levadas lá pessoas com dependência alcoólica, quando eram levadas, ficava lá ajudando. Tava chegando vez... Na Tamarineira, ali era lugar de doido, não era lugar pra ele. É porque antigamente era um só hospital. Tanto é que uma equipe que trabalhava no Ulisses... Isso, acho que deve fazer bem uns... Não sei se vinte anos, não sei. Acho que na década de 80. E que o tratamento do dependente deveria ser diferenciado do tratamento da pessoa com outro tipo de comprometimento, de transtorno mental. Aí, o que fizeram? Conseguiram um espaço: dividir, criar uma unidade de tratamento que pouco depois se transformou depois no CPTRA. Então tinha psiquiatra, tinha clínico, tinha terapeuta ocupacional. Então daí surgiu o CPTRA. Aí, eu vi também que tinha uma proximidade muito grande com a loucura... Eu tava estagiando no, no CAPS, né? Aí, eu quis fazer também uma experiência, chegar, assim, mais junto, perto da loucura, vamos dizer, assim, entre aspas.

O psicólogo e a empresa

Eu sei que a escolha de Psicologia, de certa forma, não

agradou muito lá em casa. Fazer pra que Psicologia, pra fazer o quê? Realmente não tinha lugar. Psicólogo na empresa, não se concebia naquela época e eu também não concebia que tivesse, porque eu pretendia fazer uma carreira distinta, né? Mas só que... Aí, me formei, né? Em Psicologia. Aí, fiquei.... Vi que tinha uma possibilidade imensa, é... Tava mais ou menos decidido, realmente, assim, enveredar mais pela área dentro da Psicologia Clínica. Até porque, quando eu fui me decidir, vi que muitos congressos de que eu tinha participado eram mais nessa área. Mas tava uma coisa meio conflitante ainda porque, ao mesmo tempo em que eu queria ser psicólogo clínico, existia uma demanda que era minha: também de atuar na empresa, né? Acho que uma demanda também que era fruto até da necessidade, não só financeira, mas tipo às vezes vinha meu primo dirigia um ônibus e aquilo, é... Eu ficava desconfortável com aquilo ali. Mas eu não tinha escolhido outro caminho; então, por que eu deveria tá descontente?... Então, foi quando a Psicoterapia pôde me ajudar e eu fui fazendo várias tentativas de aproximação. Então... Aí, eu já fui descobrindo que... Ah, perai, mesmo eu sendo psicólogo... eu posso ser psicólogo na empresa, lá na firma com algumas limitações, obviamente, porque empresa familiar, tal. Aí, eu fui buscar também, até com a orientação de um psicoterapeuta, e com ajuda profissional. Então, conversei lá com uma psicóloga, Fátima, da empresa São Paulo do Recife. Então, assim, eu vi realmente como eu poderia me profissionalizar mais no meu trabalho, né? Me mostrou a importância de certos indicadores. Então, assim, ela mostrou... “Você tem condições!” ... Eu saí de lá com um marco, digamos, da minha trajetória. Aí eu tive como ser psicólogo da empresa. Minha irmã Chrystianne surgiu com a idéia de um curso pra o pessoal com... os colaboradores, é... Aí, a gente pensou junto a programação. A idéia foi dela, mas aí, digamos, eu assumi. Ela

é muito boa assim, pensa a idéia de, de... exigir que a coisa seja feita, mas o trabalho fica... A coordenação fica a cargo de outra pessoa. Então, ela pôde me acompanhar também nesses cursos, mas era mais aquela figura da administração presente. Então.. que era importante tá presente, até porque eu tava de certa forma distante, só dominava na época o quê? Era mais essa coisa mais do treinamento em si, se é pra falar de comunicação. Mas essa outra parte mesmo do dia-a- dia, ela tinha que se fazer presente, não só por isso, porque ela era aquela que resolvia as coisas, né? Ou só, ou com painho, dependendo do que fosse. Aí, eu... Sim, aí, eu fui vendo o quê? Posso ser psicólogo organizacional, posso... Mesmo numa empresa familiar, posso; obviamente que era diferente do clínico: eu não poderia, assim, atender uma pessoa, né? Aí eu precisaria... Todas essas experiências, assim, que tavam acontecendo assim, simultaneamente, iam servir pra ter um olhar diferente. Vamos supor: o meu tempo, o meu tempo no espaço, no CPTRA. Aí, eu sabia o quê? Semana de prevenção de acidentes, que todo ano tem geralmente, eles enfocam a questão do álcool, não misturar álcool e direção. Então, davam tipo uma palestra, assim sempre trazendo a contribuição dos cursos, como psicólogo organizacional.

O significado dos gestos nas relações com os colaboradores.

Veja, uma tentativa minha lá, que eu acho que pode ser computada como contribuição, é de tentar, assim, deixe-me ver... valorizar aquelas iniciativas que eu acho que trazem contribuição pras pessoas que trabalham lá dentro, principalmente, assim, os colaboradores, né? Como também... E também pra organização, pra empresa. Muita coisa que eu vejo, assim, até que já existia... Vamos supor: a minha entrada, a entrada de Chrystianne. Às vezes a gente vem dar uma contribuição nova,

com nomes novos, formato diferente. Mais já existia uma versão parecida de muita coisa que se faz lá. Já existia o solo próprio praquilo ali vingar. Vamos supor; por exemplo, confraternização. Falar da importância... Vamos fazer confraternização de forma esquemática. É importante fazer... Já faziam: meu pai já fazia, minha mãe já fazia. Houve até uma época em que a confraternização do final do ano era o quê? Ir à praia. Eu participava desses momentos. Assim... Era um momento de lazer, de festa, sair com o funcionário, é... ir a Boa Viagem, Maragogi. Painho quem ia dirigindo - até porque ia e vinha sem beber. O pessoal ia pra lá pra curtir mesmo, ia com, com os familiares. Nossa! Ia o ônibus cheio. Tinha que ser duas viagens pra poder dar conta da, da escala, né? Então, tudo lá é feito em dose dupla, pra poder dar chance de todo mundo participar. Então, veja! Aí, a gente hoje fala da confraternização, tentando mostrar a importância disso. Utilizando até os recursos da academia, ah pra fazer... Além da reunião mesmo, pra saber como foi, vamos avaliar... Também dar chance pra cada um opinar, saber como foi, mesmo sem se identificar. Criar um questionário, uma urna lá pra pessoa colocar... Depois eu vou analisar aquelas propostas, né? É... Vejo uma forma de apresentar através de categorizações, mostro a meus pais a importância daquilo, mostrando: isso aqui é importante, é importante por conta disso, tá vendo? Tão aqui as falas que ilustram... Tá aqui o que a gente... Tentando convencer de uma coisa, de uma certa forma, aqui, ali eles podem não estar muito convencidos, porque às vezes... Uma pergunta que vinha muito com frequência: “Esse ano a gente vai fazer?” Aí... Era cansativo porque, “olha, a gente já tá convencido disso? Eu tô convencido”. Não, quero mostrar que isso era importante.

A força da tradição doméstica nas relações de trabalho

É... E mostrar que era importante e que não era coisa nova também, porque eu acho que até de forma estratégica isso era interessante. Porque não é... Há muito tempo já fazia isso, entendeu? E é bom. Veja, o pessoal fica contente... Minha irmã me mostrou muita coisa, a importância do... marketing pessoal... Ela... Olha, até pra empresa também é interessante, sabia? É a única empresa daqui que faz essas confraternizações. Encontro de Páscoa, a gente tá tendo. Todo ano é assim: é costume, dar o peixe, né? Tem aquele costume aqui, Caruaru, cidade do interior, né? Dia do peixe, do leite de coco, sei lá. Então painho sempre dá o peixe, o bacalhau, sei lá. É... Aí, só que aquilo ali, eu não tava achando interessante, assim, coisa... Dar o peixe, negócio... Mainha, a gente... O pessoal já trabalha, já pode comprar o peixe. Então, vamos continuar dando o peixe, que o pessoal gosta também, não tem por que chegar... E mais: vamos dar numa outra *embalagem*.

Ações sociais da Tabosa

A Campanha da Fraternidade era falando dos idosos. A gente vai e convida o grupo da terceira idade, né? É... tinha pouca... pra o pessoal falar. Não só falar como gostariam de ser tratados, mas também mostrar através da arte que, apesar de estarem numa certa idade, têm muito que dar. São mulheres talentosas. Então, assim... esses encontros pensados e... tem também o... é... que me ajudou, até no momento de pensar no ponto, uma coisa e outra, eu converso, ele diz alguma coisa, assim, é o padre Everaldo, né? A gente se conhece, assim, há algum tempo. Então, assim, é uma pessoa que, de certa forma, acompanhou, me acompanhou nessa trajetória. Não dizendo: “Olha vai por aqui, por ali”. Mas, vibrando, acompanhando as minhas decisões ou estando junto quando eu quebro a cara;

então, pronto! É... Então, assim, outra contribuição seria... O ano passado, eu lembro, a gente teve uma experiência, assim, é... de umas quartas-feiras culturais.

Os pais segundo o filho

Ele é o ponto de partida. A idéia foi dele. O instrumento amor foi dele, em termos de... que naquele tempo um dos instrumentos maiores era o trabalho mesmo. Não era como hoje, que pra comprar uma empresa tem que ter todas as garantias do mundo. Então, eles vão poder falar melhor como foi isso. Não tinha essa de partir o capital da empresa. Então foi uma conquista... tipo... Eu tava agora conversando com meu tio quando a empresa era Veneza, o proprietário da empresa já tinha vendido a três pessoas, né? E já tinha tomado. Tipo: não conseguia pagar, então já havia tomado. Depois foi que repassou pra painho... Quis repassar pra tio Clóvis. Tio Clóvis: “Não, eu não quero. Vou oferecer a meu irmão”. Aí, ofereceu. Aí, painho: “Eu quero”. Pronto! Veja que ele conseguiu, não precisou devolver a empresa. Então, assim, é... Teve todo esse investimento que é mais do que... não foi um investimento em bens. A exemplo, uma herança ou aplicar em si na compra desse bem, dessa empresa.

Dona Salete e as mudanças na empresa

Depois da abertura do Shopping, que foi, digamos, um marco na empresa, foi quando a empresa ganhou um impulso grande, naquele momento. De lá pra cá, outras coisas aconteceram, outras é... Não é que, vamos supor: o Shopping por si só justifique... não! Porque cada linha, de certa forma, ela se auto sustenta. Que é isso que vai determinar se no Shopping vai ter quatro ônibus ou é... sei lá... ou na outra linha vai ter dois, um. Mas foi importante. O Shopping era novidade, então precisava

contratar muita gente também, de cara seriam quatro ou três ônibus. Então, com isso várias cobradoras precisavam ser contratadas, são duas cobradoras por veículo. Aí, foi quando mainha reinaugurou, mudando só um pouco, o perfil. Pessoas mais velhas, digamos, que já casadas ou separadas que tivessem de fato precisando basicamente trabalhar e tivessem condições de... tivessem, pelo menos, algum tipo de experiência, não em transporte porque não era possível contar com pessoas aqui em Caruaru que já tivessem trabalhado em empresas, que a Tabosa era pioneira. Mas que já tivesse trabalhado em algum... Aí, foi coisa que... Acho que foi muito interessante, a gente viu agora mesmo... Tem uma outra empresa aqui em Caruaru que deu uma guinada boa, recentemente, o ano passado: eles contrataram somente cobradoras. Imitaram a Tabosa. Outra preocupação também, falando das contribuições de mainha, ela sempre teve muito cuidado em registrar, anotar à maneira dela. Então, em 2002 se eu não me engano, Caruaru estava passando por uma onda muito grande de assalto, então na reunião que tivemos com o comando da polícia, um dos presentes era o coronel... Então, assim, a Tabosa foi a única que pôde entregar por escrito todo o levantamento da quantidade de ocorrência, pôde levar também por escrito como era a forma que essas pessoas estavam agindo pra assaltar. Isso porque mainha tinha esse cuidado em registrar as coisas. Uma coisa que também foi contribuição dela... Painho, sempre foi muito certinho nessas coisas... digamos, só assume compromisso quando tem a certeza que dá pra pagar. Mainha, por ser mais ousada e apostar mais, dizia: “Olha, faz esse consórcio que depois aparece o dinheiro”. Então, ele foi se encantando com essa idéia e começou a fazer consórcio mesmo sem aquela segurança que daria pra pagar. E foi vendo que foi possível pagar.

CHRYSYTIANNE TABOSA



Desde pequena brincava de trabalhar no que seria, futuramente, o seu espaço de atuação: a Viação Tabosa Ltda. Atenta às novas demandas, busca constantemente o seu crescimento profissional — e também o da Empresa — através de especializações e cursos. É uma das principais responsáveis pelo que a Empresa se tornou hoje.

Trabalho e estudo

A empresa iniciou mais ou menos no ano de 1977, o ano em que eu nasci. Então, desde que eu nasci, conheço a Viação Tabosa. Quando eu fui me entendendo de gente, já comecei vindo brincar de empresa. Por conta do trabalho, essa coisa toda, eu e meus pais mal nos víamos. Então, muitas vezes a gente vinha aqui pra empresa, juntamente com ele, pra gente ter mais assistência familiar em si. Saía do colégio, já vinha pra empresa. Quando eu terminei o segundo grau, realmente me inseri na empresa. Foi em 94. Fiz vestibular em Administração, lá no Recife, e fiz, ao mesmo tempo, Ciências Sociais, na FAFICA. Fiz Administração pela questão da empresa e Ciências Sociais porque eu queria fazer. Passei em Ciências e em Administração fiquei para ser remanejada. Fui remanejada, mas não fui para o Recife justamente porque eu ia deixar a empresa num período em que eu já estava me inserindo. Já tinha uma certa responsabilidade dentro da empresa. Fiquei por aqui, cursei Ciências. Sempre tentei me dedicar ao máximo aos cursos que melhorassem o desenvolvimento da empresa. Fui buscar cursos gerenciais, administração financeira; cursos no SENAC, no

SEBRAE. Teve momentos em que eu dividi empresa com estudos. Eu até lembro que eu tinha um coordenador, lá no colégio, que, às vezes, ligava pra mainha dizendo: “Olha, Chrystianne não veio pra aula hoje”. Na época eu tinha namorado, e o coordenador pensava que eu tava com o meu namorado. Aí, mainha respondia: “Que coisa boa, ela não foi pra escola porque tá aqui trabalhando”. Hoje em dia, realmente, tudo que eu aprendi tento colocar em prática, se bem que às vezes não sobra tempo. Agora mesmo eu estou fazendo o curso de Direito. Primeiro eu fiz uma especialização em Direito, pra poder saber se eu queria fazer o curso de Direito. Então, hoje eu me encontrei no curso, mas a princípio eu fui buscar o curso justamente pra suprir uma necessidade numa área...

Infância e trabalho

Na infância, às vezes, via a empresa como uma coisa pesada, porque, muitas vezes, saía do colégio passada de cansaço e tinha que esperar meu pai dar as determinações dele. Muitas vezes via, assim, como uma coisa... não como uma coisa boa. Como uma coisa pesada, porque pra uma criança que tá saindo do colégio e ter que, às vezes, chegar em casa dez, onze horas da noite, esperando meu pai abastecer ônibus. Esperando ver se tava tudo certinho; se os motoristas vinham pegar, se não vinham. Às vezes tava na hora de sair pra alguma coisa, aí quebrava um carro; aí meu pai soltava tudo o que tava fazendo; aí vamos consertar o carro. Então, assim, realmente eu não via com bons olhos, não.

No trabalho: separação entre a empresa e a família Tabosa

Eu lido muito bem com isso. É tanto que eu não chamo meu pai de meu pai na frente de ninguém; de painho, essa coisa. Vou falar com Sr. Clemildo. Eu tento separar um pouquinho

isso e, assim, é bom, é muito bom. Eu me chateio com meu irmão em casa, por exemplo, não sei o quê, aí, encontro com ele aqui, você tem que dar uma respirada. Dá pra tocar. É ser profissional. Por isso que participo de seminários, simpósios e cursos de treinamentos. Não é fácil trabalhar numa empresa familiar, não.

Espaço na empresa: mérito e ônus

O espaço que tenho aqui, fui conquistando no dia-a-dia. Hoje sei que ninguém é insubstituível, mas, assim, tenho uma responsabilidade, assim, um pouquinho grande aqui e, às vezes, eu me sinto até pesada por isso, porque os méritos ficam com você, mas os ônus também. E, se errar, você errou.

“Eu já fui tida como muito chata”

Veja, eu já fui tida como muito chata, muito ruim. No início eu fui tida como intransigente, até acho que fui realmente... que, na adolescência, sei lá... você faz algum tipo de coisa, é chato mesmo por natureza. É chato, mal educado, essa coisa toda. Eu reconheço que eu devo ter alternado esses momentos, lógico! Eu não fui diferente de ninguém, mas hoje eu me percebo muito bem, vejo que eu tenho uma boa relação com os funcionários. Acredito que eles não têm mais essa, né? Com o tempo, consegui desmistificar isso, porque o fulano começou a entender que eu só ia brigar porque o preto não era preto, porque o preto realmente não era preto e o preto tinha que chegar a ser preto. Mas ainda dizem assim: “É pra falar com Chrystianne?” Ainda... diferente do meu irmão, que é muita conversa, né? Até mesmo pela formação dele.

Gênero e a questão do poder

Tinha alguns motoristas que eles não aceitavam quando

eu dizia alguma coisa. Quebrou um carro! Aí, eu dava um procedimento e eles não cumpriam. Depois eles iam se queixar pra o meu pai porque eu mandei fazer não sei o que e aquela complicação toda. Aí, meu pai ia em cima deles. Aqui mesmo dentro do escritório, o meu secretário não aceitava ser mandado, porque, assim, acho que o fato de ser mulher, né? O fato de ser ela que tá mandando, o fato de ser mulher, a questão do machismo mesmo. Mas eu nunca fui, assim, intransigente no sentido de dizer, assim, mandar fazer uma coisa por fazer, né? Sempre tava buscando a questão, assim, de qual o problema. Acho que minha mãe também passou por esses problemas - até bem mais, porque, naquela época, cem por cento dos funcionários da empresa eram homens, né? Certamente ela passou por isso também.

Funções e relacionamentos

Clemilton ficou com o Departamento de Recursos Humanos. Eu já atendo mais as pessoas que vêm por indicação e que eu sei que só não vão ficar se tiver algum problema. Mas, veja, essa divisão de cargos hoje não existe muito claramente. Porque até Clemilton voltar pra Caruaru, tudo era comigo. Então, agora Clemilton tá retornando. Então, ele tá conhecendo todos os departamentos. E nos sabemos que Recursos Humanos não trabalha sem estar integrado com outras áreas. Então, assim, a gente não delimitou muito ainda o espaço, mas tem, assim, sei lá... uma linha imaginária.

Sobre o pai

Acho que trabalhar com transportes estava no sangue dele mesmo e que hoje acho que ele não consegue se ver sem a empresa. É, acho que um fato recente, mas, assim, extraordinário

de todos, foi meu pai passar oito dias direto, oito dias!... Sabe o que são oito dias? Pra gente nada, né? Mas ele passou oito dias direto na praia. Então, eu fiquei, assim, eu disse: “Ele tá anestesiado!”. Porque ele ia num dia e voltava no outro. Ficava, assim, pra lá e pra cá, não conseguia sossegar a cabeça num lugar. Aí, foi depois que Clemilton começou vindo de manhã, dando, assim,... Acho que foi ganhando a confiança dele, né? No sentido de mostrar que tava entendendo o que era o procedimento, porque uma coisa é a gente entender o procedimento, outra coisa é o outro entender que o outro está entendendo, né? Aí, ele se permitiu passar esses dias.

O presente e o futuro pessoal e profissional

A Empresa faz parte da minha vida. Não tão assim como pra o meu pai. Não quero nem comparar. Até mesmo porque eu já tenho outras formações e estou buscando outras coisas também. Não que eu queira sair da empresa, mas, de certa maneira, hoje é necessário você abrir o leque, né? Hoje ainda não consigo me ver sem a empresa. Ainda não, ainda não. Talvez mais na frente consiga. Mas hoje ainda não, ainda tô dependente dela.

A empresa e sua relação com a cidade

Acho que nossa empresa tem uma importância grande no sistema. A gente atende a sete ramais bem distribuídos dentro da cidade. A gente sabe que a população precisa de ônibus, mas a gente também precisa da população pra prestar um bom serviço. Lembro que, no ano passado, teve até uma exposição lá no Shopping e, lá no meio daquelas fotos, havia uma de mil novecentos e não sei quanto, 1977, 78, tava lá um ônibus da Tabosa no meio da feira. Eu fiquei, assim, muito lisonjeada em ver que faço parte da história de Caruaru. Depois a gente tentou

até entrar em contato com a pessoa pra conseguir as fotos, mas não conseguimos. Realmente, tudo isso é muito interessante porque, às vezes, a gente não se dá conta do quanto a gente tá participando do processo. Às vezes fica difícil perceber isso.

O diálogo entre as gerações

No início, eram maiores as quedas de braço, mas eu sempre ouvia meu pai, sempre ouvindo o que meu pai queria, né? Aí, às vezes dizia: “Painho, isso não funciona mais!”. E ele às vezes não dava nem importância. Aí, quando eu via, ele já tava por trás tentando ver o que era que se passava e ... realmente nunca tive grandes problemas porque, de certa maneira, ele foi aberto, sempre aberto a muitas mudanças. Às vezes, é uma decisão em conjunto. Senta um, diz uma coisa; outro diz outra; outro já acha... Nesse contexto a gente termina... No fim, tem a palavra do meu pai. Às vezes, tá todo mundo certo e ele não quer. Pronto, não quer!.

A relação dos funcionários com Seu Nildo

Realmente existe uma identificação entre os funcionários e a empresa. Tanto que, às vezes, eu acreditava até que isso até atrapalhava, né? Porque é... Por isso ser tão presente, às vezes o ‘não’ tem que sair, né? E as pessoas não aceitam o ‘não’, essa coisa toda. Porque meu pai é tido como se fosse um pai, né? E isso atrapalha. Na hora de gerir alguma coisa é complicado, porque fulano tá sempre acostumado a ouvir ‘sim’, ‘sim’, ‘sim’ e vai chegar num ponto que ele vai ter que ouvir ‘não’. Senão não é empresa, é a casa de papai. E a casa de papai nem sempre dá certo. Aí, pronto, quando a casa de papai tá dando certo, tá tudo muito bom, mas quando foge da realidade, né? Você começa a se acomodar. Hoje, meu contato com os funcio-

nários é muito pouco. Eu fico mais na parte administrativa e financeira.

Crises e problemas administrativos

Crise! Quem não teve crise? Lógico que tivemos. Uma empresa, qualquer empresa passa por isso. O processo de crescimento não é um processo do dia pra noite. Ele é lento, hoje a gente percebe. Basta ver as fotos do ontem: o antes e o depois; né?.

Os sócios

São sócios cotistas, né? Que hoje não existem mais, esses sócios cotistas. Hoje caiu em desuso. Não participavam da administração, não estavam no dia a dia da empresa. Tio Clóvis tava perto, mas não tava na administração. Ele tinha a loja de peças (Tapeças) que funciona aqui dentro da empresa mesmo e sempre tinha muito serviço com caminhão. Eu via ele todo dia dentro da empresa, mas era na empresa Tapeças e não na empresa Tabosa, não era participando do dia-a-dia da empresa Tabosa. Com a queda da Tapeças, essa questão de crise, foi que ele foi se chegando. Tio Clóvis, faz uns seis anos que ele tá participando da administração, está com essa parte de manutenção. Está realmente, assim, se doando mesmo pela empresa, do jeito que meu pai fazia. Fez durante toda a vida. E meu tio Rubens, do ano passado pra cá, acho que de uns dois anos, ele vem mais. Como sócios, sempre existiram; agora, fazendo parte da empresa, tá recente.

Modernizações

Uma discussão que tá bem recente é a questão da bilhetagem eletrônica aqui na cidade. A gente tá trabalhando a

questão da aceitação pra evitar que, com uma inovação, a gente tenha uma queda. Pra evitar que o usuário tenha medo, receio de utilizar a bilhetagem eletrônica. Então, a gente vem trabalhando, assim, de acordo com o mercado. Houve também a questão da introdução de TV e vídeo, dentro dos ônibus. As outras não copiaram por achar o custo muito alto.

Memória e Identidade 2: Os funcionários contam histórias da Tabosa

Outros atores: Funcionários

DONA JOSÉLIA



Dona Josélia, na faixa de seus trinta anos, começou a trabalhar na Tabosa por volta de 1999, por intermédio de sua irmã, ao falar com Dona Salete, com a qual desenvolveu uma forte amizade. Veio de São Joaquim do Monte para trabalhar diretamente na empresa, sobre a qual já ouvira grandes elogios de seus funcionários.

Os patrões vistos como pais

Olhe, tá com seis anos que eu cheguei aqui na empresa. Eu morava em outra cidade, morava em São Joaquim do Monte e eu negociava vendendo confecções... Trabalhavam aqui uma irmã minha e um sobrinho. Aqui na Tabosa. Aí, minha irmã falou com Dona Salete. Aí, ela mandou me chamar. Aí, eu vim. Quando eu cheguei aqui, ela arrumou um emprego pra mim. Eu comecei nas linhas transversais, que eram do Shopping para os bairros. Aí, eu fiquei só no Shopping, trabalhando e quem me botou lá foi Dona Salete, foi... Ela é minha patroa... Os dois são... É mesmo que ser um pai e uma mãe pra mim. É, eu adoro eles dois. Pra mim, eles não têm defeito. Lá as portas se fecharam pra mim (São Joaquim do Monte) e pra mim aqui abriram

uma porta e a porta que abriu aqui em Caruaru pra mim... essa porta foi ela. Eu devo tudo que eu tenho a Deus e em segundo a ela. Essa empresa pra mim é minha vida, é tudo. Porque eu nunca precisei daqui pra ninguém me negar nada. Eles são fora de série. A gente não tem um patrão nem uma patroa... Aliás, quatro, porque você nem sabe quem é melhor, se é Seu Nildo, Dona Salete ou os dois filhos. Porque quem comanda a gente aqui é Chrystianne e todo mundo adora Chrystianne.

Trabalho e afetividade

É... é a única empresa que dá o café de manhã, que faz confraternização com os funcionários, é... Na Semana Santa eles fazem comemoração com o funcionário, dão o peixe, que outras empresa aqui em Caruaru não fazem. Eu não estou dizendo isso pra agradar, tá entendendo? Eu tô dizendo porque a gente convive com os outros funcionários das outras empresas e eles passam pra gente que os patrões deles não fazem nada por eles, nada mesmo. Só fazem pagar os salários, que é o direito, né? Mais em termo de festa, de ajudar o funcionário na hora de precisão, da doença que é a hora que a gente precisa, né? Na hora que a gente tá com saúde, a gente precisa de ninguém não, né? A gente precisa na hora que adocece e Seu Nildo é um exemplo de patrão mais Salete.

Nas reuniões: respeito às diferenças

É a convivência dos funcionários com os idosos e, também, com o usuário, né? A gente... Sempre a reunião é mais pra isso. É Clemliton dando conselho pra gente tratar os idosos assim, com mais qualidade, né? Porque eles têm o direito deles e principalmente o usuário também, porque eles pagam e a pessoa tem que ter educação com eles, né? Tratar eles bem.

Problemas com os usuários

Acontece muito, porque o usuário, ele acha que tem o direito... Ele quer entrar pela frente, ele quer botar criança que paga pela frente, aí o motorista não deixa. Eu trabalho com motorista que tem uma educação tão grande que ele nem fala alto com o usuário, ele não fala, tá entendendo? Ele só olha, aí diz: “Não pode”. Explica. Aí o usuário... Já foi muita confusão... Ele sai lá da porta da frente; aí, vai lá pra dianteira: “Motorista, esse motorista não sei o quê”... Aí, fica dizendo coisa. Eu digo: “Não, isso é a lei, não é a gente”. Tem o problema de pedir a carteira pra dar o passe. Ave, Maria, é uma guerra dentro do ônibus, é uma guerra! Quando você pede a carteira... “Olhe, é estudante? Tem carteira? Me mostre a carteira!”. Aí começa a confusão.

A resistência do imaginário masculino

Olha, eu acho que o povo via a gente como sendo qualquer pessoa, tá entendendo? Quando começou (ela como cobradora), às vezes, entrava (alguém) aí, dizia: “Cobrador!!!”. Aí, quando via que era mulher, chega se assustava. Aí, tinha gente que perguntava coisas... ficava fazendo umas perguntas, sabe? “Você é cobradora?”. Ficava fazendo umas perguntas assim, sabe? Como se a pessoa fosse qualquer pessoa, tá entendendo? Mas isso a gente tirou a limpo. Agora, você vê, só quem começou foi a Tabosa. Foi Salete que enfrentou isso tudinho pra... Ela enfrentou todo mundo pra botar a mulher pra trabalhar como cobradora, e as outras empresas nem admiraram ela porque achavam, assim, que mulher não dava certo. Só que, passando um tempo, as outras empresas viram que a mulher é mais competente pra trabalhar de que os homens. Aí, tiraram os homens e botaram tudo mulher, que a maioria agora é tudo mulher: na Bahia, na São Cristóvão... Porque, eu acho assim,

que a mulher tem mais educação com o passageiro, ela tem. Tem mais paciência, tá entendendo? Tem mais paciência porque, às vezes, tem cobrador que ele é capaz de mandar uma pessoa descer do ônibus por causa de dez centavos, de cinco e eu mesma nunca fiz isso. Faço não, porque eu acho que só da pessoa pedir já tá se humilhando. E a pessoa dizer “Desça!”, por causa de dez centavos, de cinco centavos, eu acho muito é fraqueza de um cobrador, de uma cobradora. Fazer um usuário descer do ônibus por causa de uma mixaria de 10 centavos, 5 centavos. Dinheiro que não enrica ninguém, né?

SEU EDMILSON

Edmilson é um homem de meia idade que tem toda uma história de vida ligada aos transportes, sempre trabalhando como motorista. Narrador sóbrio, sua história na Tabosa começa com o nascimento da empresa, onde permaneceu até 1983. Após um intervalo de 21 anos, retornou em 2004 e afirma que deseja encerrar suas atividades profissionais na Tabosa.

“Trabalhando muito”

A minha história de vida foi trabalhando muito. Eu nasci aqui em Caruaru e meu pai, na época, tinha um caminhão. Ele vendia material de construção e a partir de seis anos eu já andava com ele. Aí, com seis, sete, oito... e eu já trabalhava com ele. Com uns doze, treze anos, meu pai conseguiu comprar outro caminhão. Eu, de menor, já tava dirigindo: papai ia na frente e eu atrás com o caminhão. Só que, quando tinha as viaturas, papai parava o dele antes, pegava o meu e passava; aí, voltava de pé, pegava o dele e seguia viagem de novo. Depois, com uns dezoito anos, vim trabalhar na Jardim Liberdade, que era uma empresa de ônibus. Isso foi em 79. Depois seu Nildo comprou a linha (naquele tempo chamava Alto da Banana). Seu Nildo perguntou se eu queria ficar com ele. Eu disse: “Fico”. Aí, fiquei. Aí, trabalhei até 83, sempre como motorista.

Saída da empresa

O que me levou a sair da Tabosa foi que eu botei na cabeça que queria conhecer as capitais. Aí, chegou um tio meu e perguntou se eu tinha coragem de tomar de conta de um cami-

nhão dele que rodava pra São Paulo, Rio, Feira de Santana, Salvador. Aí, eu cheguei pra Seu Nildo, disse: “Seu Nildo, tem jeito do senhor arrumar outro motorista pra botar no meu lugar?”. Ele disse: “Mas, Edmilson, por que você quer ir embora tão de repente?”. Aí, eu contei: “Não, Seu Nildo, é por que eu quero ir pra caminhão agora, eu quero conhecer as estradas”. Aí, ele disse: “É? Então, pronto! Você vai me dar um prazo de uma semana pra eu arrumar outro motorista pra por no seu lugar”. Aí, ele disse: “Como é que eu faço com você?”. Eu disse: “O que o senhor fizer, tá feito”. Que nesse tempo a gente não era fichado, não tinha aquela pressão de INSS, de Sindicato fazendo pressão.

A volta

Fui embora pra estrada e fiquei até agora, até dezembro de 2004, na estrada. Só que começou muito crime. Matando caminhoneiro, assalto... Quando rouba a carga e deixa você vivo, você dá graças a Deus; e quando você desaparece com caminhão e tudo, aí fica muito doloroso pra família. Eu optei e disse: “Vou procurar Seu Nildo de novo”. Botei bastante currículo nas empresas por aí, mas... Eu vim aqui, falei com ele, ele disse: “Olhe, agora não tem vaga; mas, a primeira oportunidade que tiver, eu ligo pra você”. Então, quando foi agora em fevereiro ele ligou pra mim, é... Disse que eu comparecesse aqui na empresa. Aí, eu vim. O tempo que eu trabalhei na empresa foi curto, mas foi um curto que deixou saudades. Saí sem aborrecimento, sem problema nenhum. Pra mim foi legal.

O patrão “generoso”

A relação com o Nildo é bastante interessante pra mim, porque o Seu Nildo sempre foi uma pessoa que ele procura ajudar o próximo. E quem trabalha do lado do Seu Nildo traba-

lha satisfeito. Porque ele não é patrão de obrigar você, ele exige, vamos dizer, se você der um erro, ele chama você e diz: “Olhe, não faça isso. Eu quero que você faça assim”. Se você for falar uma coisa a ele, ele não sabe dizer um não, entendeu? Na época mesmo, que eu saí da Jardim Liberdade, ele perguntou se eu queria ficar com ele. Nessa época ele tava começando, ele tinha cinco ônibus. Quando dava qualquer defeito, a gente ligava pra Seu Nildo: “Seu Nildo, o carro deu entrada de ar”, “Seu Nildo, o carro quebrou, baixou o pneu”. Aí ele dizia: “Aguarde que nós chegamos já”. Aí, quando a gente menos esperava, pensando que ele ia com o mecânico, ele ia só. Levava o macaco e a gente mesmo era quem trocava o pneu. Já ficava atento pra qualquer coisa.

Ontem e hoje na empresa e na cidade

Naquela época foi bom. Tanto pra mim como pra meus companheiros foi bom. Porque não tinha ladrão, cobrador andava com dinheiro no bolso... A gente vinha com o dinheiro, fazia as contas com Seu Nildo. Hoje em dia é diferente. Os horários também eram diferentes. Tinha ônibus de hora em hora, tinha de 45 minutos e tinha de 35 minutos. Tinha o fiscal da própria empresa, não tinha fiscal da prefeitura, não. Tinha uns guardas da prefeitura que era pra orientar pra não deixar carro ficar na frente da entrada e saída dos ônibus.

A empresa na nova fase: mudanças e permanências.

Quem comanda a empresa agora também é Clemilton, Chrystianne e a Dona Salete. Mas eles são a mesma coisa de Seu Nildo, entendeu? A diferença que eu senti só foi essa. Que quem comanda mais a empresa é Clemilton, Chrystianne e Salete. E Seu Nildo também, né? Mas é a mesma coisa. O respeito é o mesmo. Se ela (Dona Salete) disser: “Olhe, Edmilson,

“você vai fazer isso”. Então, eu tenho que cumprir aquela ordem que ela me deu. A mesma coisa era Seu Nildo na época, né? Dizia assim: “Edmilson, eu quero que você vá fazer essa linha hoje”. Aí, eu tenho que cumprir a mesma regra. Ou Seu Nildo ou Dona Salete, ou Clemilton ou Chrystianne. Qualquer um deles.

Sobre Seu Clóvis e Seu Rubens

Seu Clóvis é o cabeça chave da mecânica. O Rubens também, porque... Qualquer defeito que no ônibus aparecer, o motorista chega pra Seu Clóvis e: “Seu Clóvis, olhe, esse carro tá com uma pancada assim”. Aí, ele pergunta: “Como é essa pancada?”. Aí, a gente vai dizer a ele como é. Aí, ele diz: “Então, eu já sei o que é”. Aí, já vai em cima da pancada, entendeu? Seu Rubens, eu acho importante mais na parte elétrica do carro, que ele já sabe onde tá o defeito vai lá e ajeita... A presença deles... a presença mais forte mesmo, em termo de ter mais contato com eles, é Seu Clóvis e Seu Nildo, porque todo dia, quer queira quer não, você tem que avistar Seu Clóvis e Seu Nildo, você tem que avistar essas duas criaturas.

Os usuários

Olhe, nem Nosso Senhor agradou ao mundo. Mas a empresa Tabosa sempre é elogiada. Aí, por isso que eu digo: ela tem oitenta por cento dos usuários. Porque se tiver qualquer motorista que maltratar os usuários, sempre aparece um que liga pra aqui, ou atende Seu Nildo, Clemilton ou Douglas. Aí: “Qual foi o motorista? Qual é o número do ônibus?”. Aí, o cara vai te explicar ou então vem gente pessoalmente. Aí, esse motorista é chamado aqui, Clemilton conversa com ele, ou Seu Nildo ou Dona Salete ou Chrystianne, explica que o modo de trabalhar não é esse. As principais queixas são sempre sobre o

fato de que, às vezes, você vai no ônibus aqui, mas vem uma pessoa correndo e você não viu. Você não viu, o motorista vai embora: aí, que é que acontece? O cara vai, ligar pra empresa ou então liga pra prefeitura. Aí, você tem que arrumar uma testemunha como você não viu. A Empresa também nos manda respeitar ao máximo os idosos. Tratar eles bem, só puxar o ônibus quando eles estiverem sentados - principalmente deficientes, mulher gestante, criança, entendeu? Só tirar o ônibus do lugar quando eles estiverem sentados. Nós também temos que nos preocupar com os horários, porque a gente tem o horário certo, e se a gente não chegar no horário certo a gente pode ser notificado, ou então tem que explicar ao fiscal da prefeitura, da Barros e Barros. Vai ter que explicar qual foi o motivo que você atrasou. Eu tive um curso ensinando que agora não é mais pra gente tratar como passageiro não, é como cliente da empresa, né? Aí, a gente não pode dizer que é passageiro. Pra gente é tudo cliente. Aí, tem cliente que a gente tem que ‘levar na valsa’, tem cliente que muito mal tira a carteira de passe pra mostrar a você. Bota aqui, joga, bota pra lá pra dentro do bolso de novo. Aí, você fica na dúvida: se eu vou pedir de novo, se eu vou pedir pra ver se é ele mesmo ou não. Aí você fica... Se você for pedir, ele vai dizer: “Você tá cego?”. Aí, você tem que perdoar. Você tem que evitar ao máximo, assim, ter frente a frente. Aí, vem no outro dia, aquela mesma pessoa. Aí, já vem com a fisionomia sorridente. Então você acha que ele teve um problema em casa, né? Eu acho assim.

“Tinha vontade de voltar...”

Tinha uns colegas meus que trabalhavam aqui e sempre falavam: “A empresa Tabosa comprou outra linha, aumentou mais ônibus, chegou mais ônibus novo”. E eu tinha, tinha vontade de voltar.

Significado das reuniões na Empresa Tabosa

O que acontece lá fora a gente tem que dizer a Seu Nildo. Então, ele ou Clemilton vai tirar a dúvida. Então, a reunião eu acho sempre bastante interessante. Assim, pra tirar as dúvidas. Geralmente, quando Seu Nildo mais Dona Salete e Clemilton fazem a reunião, eles sempre batem na mesma tecla: pra gente sempre levar esse... esse carisma. A gente não pode ser bruto, entendeu? A gente tem que levar do jeito que Seu Nildo passa pra gente, Clemilton, Dona Salete, Chrystianne, aí a gente tem que levar... entendeu? Acho importante o tratamento que eles têm com os funcionários, entendeu? Ele trata você como um filho, entendeu? Quando o filho erra, o pai não quer punir. Então pronto, a mesma coisa é Seu Nildo. Ele chama você e faz reunião. Se não pode vir todo mundo, aí, ele marca: a turma que trabalhou de manhã vem pra reunião de tarde; quem está trabalhando de tarde vem pra reunião de manhã, entendeu? Aí, eu acho que isso é importante demais pra empresa.

Sonhos e perspectivas

Eu sempre sonhei ser motorista. É um orgulho muito grande trabalhar aqui. O meu sonho é terminar a minha carreira por aqui. Se Deus permitir, se ele me der mais uns carocinhos de ano, eu quero me estabelecer por aqui mesmo. E crescer com a empresa.

SEU LOURINALDO



A história do funcionário Lourinaldo se confunde com a história da empresa Tabosa. Estando presente desde o início, ele viveu boa parte das dificuldades e êxitos da empresa em seu percurso: no início como cobrador e, atualmente, como motorista.

O começo

Eu já tenho 29 anos aqui. Entrei no dia 08 de setembro de 1975, através de um amigo meu, que trabalhava aqui de motorista. Aí, ele me informou; aí, eu entrei de cobrador. Quando eu entrei, só tinha dois carrinhos velhos. Trabalhei 18 anos como cobrador. Nesse tempo, não tinha nem borboleta: a gente cobrava na ficha e na senha. Depois, passei pra motorista. Passei pra motorista: eu tava com 18 anos de cobrador já. Aí passei uns tempos aqui na garagem, depois fui pra linha. Às vezes, a gente amanhecia o dia no meio da estrada, ajeitando os carros, botando pneu: tirava um, estourava outro. As estradas era tudo mato... Ali no Nicanor era tudo mato. Os carros, às vezes, dormiam no meio da rua, dentro do mato a gente dormia. Era tudo mato por ali. Se dava uma chuvada, não passava, atolava, atolava lá no Santa Rosa, no Bairro Petrópolis... Naquele tempo, nem óleo pra botar no motor tinha. Botava óleo queimado, às vezes.

Representações dos patrões

Seu Nildo... desses patrões ‘tudinho’ que tem aqui, o melhor é ele. Todo mundo diz aqui é ele. É. E você precisa dele, negócio de dinheiro, uma coisa ele dá, né? Quando ele não tem

ele diz: “Amanhã!”. Aí, depois vem. Mas não farrapa, não. É certo ele. Os negócios dele são tudo certo: os cara que trabalha recebem tudo certo. Pra mim é bom, né? Eles são uns patrões bons. Teve um funcionário que ia ser operado. Aí, não tinha dinheiro. Aí, veio aqui e o homem: “Na hora!”. Não negou de jeito nenhum. O que o cara precisar, pronto. Pra mim ele é bom. Não vou dizer que ele é ruim. Pra mim ele é bom, todo mundo, tudinho aqui é gente boa. Entre eles, o que Seu Nildo falar eles tudo aceitam. O que vale é a ordem de Seu Nildo, desde antigamente que é assim. Quando começou, quem entrou foi o homem (Seu Nildo), quem entrou foi o homem, só. Agora depois de... dezoito anos e pouco, foi que eles começaram tudo... sabe como é? Agora tão tudo aí, sabe como é? Tudo amigo. Se um falar, aí, pronto. Se Clóvis arrumar um motorista ou botar um pra fora, tá botado. Seu Rubens a mesma coisa, Dona Salete e Chrystianne também.

Percepção do trabalho

A empresa é só trabalho. Trabalho, terminei, vou embora. Cumpro meu horário, sabe? De manhã ao meio dia, depois encerra.

Divisão de papéis na empresa

Seu Clóvis, a função dele é mecânico; Seu Rubens também. Seu Clóvis é mecânico, essa oficina aí é dele, sabe como é? Ele é mecânico, a função dele é essa. Seu Nildo é que é o dono da empresa. Aí trabalham os sobrinhos dele aí, tudo fichado, ele fichou tudinho. Agora é tudo unido, sabe como é? Tudo família, né? Sem problema. Eles trabalham tudo aí, mas com a ordem de Seu Nildo, é tudo certinho, sem dar problema. Aí todo mundo trabalha junto: Rubens trabalha, trabalha Júnior, tudo que Seu Nildo botou, mas não tem problema de jeito ne-

nhum. E quando tem problema assim, Seu Nildo e Dona Salete não querem saber se é família, não. Ela não abrem mão pra família, parente, não. É o que ela quer e acabou-se, ela é a dona. Ela bota os irmãos dela pra trabalhar, quando tira é igual aos outros. Aqui é tudo tranqüilo... Até Seu Clóvis quando tem os problemas dele... Só tá aqui por causa de Seu Nildo.

Relação com os usuários

Não tem muitos problemas, não. Tem sobre besteira, né? Às vezes o ônibus pode atrasar, por causa do trânsito; aí, eles podem chiar. Aí, eles mandam a gente atender bem. Tem que atender bem pra não... sair falando, entendeu? Se for reclamar, não adianta: o motorista tem que respeitar o passageiro, né? Os idosos, por exemplo: eles já têm a carteira, tudinho já. Aí, pronto. Aí, não pode deixar o idoso, tem que parar. Porque se um idoso desses... Se você deixar ele e passar um fiscal da prefeitura, a gente prejudica a empresa. É arriscado até sair do trabalho. O idoso tem o direito dele. Aí, é ordem da Empresa... O homem já passa tudinho, explica como é pra fazer, entendeu? O respeito ao idoso, tem que esperar descer do ônibus. Porque o idoso tem o direito, né? Se não for respeitado, olha o problema, entendeu?

Dilemas do trabalho cotidiano

Eu já fui assaltado duas vezes, já. Uma vez foi no sítio. Foi uma viagem de cinco da tarde. Aí, quando foi no meio do caminho... tinha uma porta do terreiro da mulher e a porta aberta, né? Aí, tinha dois cabras na porteira; aí, deram com a mão; aí, eu tive que parar. Fazer o que, né? Ele não pediu parada? Tinha que parar. Parei. Quando eu arrastei o ônibus, ele disse: “É um assalto”. Aí, ele veio em cima de mim, botou o revólver e disse: “Pára aí ligeiro, ligeiro que eu vou matar um aqui”. Ele

avexado, avexado. Aí, pegou o dinheiro da cobradora: não levou nem o dinheiro todo. Levou a metade, parece. Aí, pegou o celular dela e desceu avexado. Aí, quando desceu, deu um tiro. Ele mandou puxar o carro e deu um tiro com uma doze. Aí, pegou na janela. A outra vez foi de manhã: eu vinha ali no 'Medero'. Deram com a mão... Esses só fizeram o assalto. Mandaram eu encostar, desceram e foram embora.

Caráter familiar que se estende aos funcionários

Eu já tô com 65 anos. Agora, se eu sair algum dia: aí, Seu Nildo disse que bota uma família minha, sabe como é? Porque a honra dele é essa.

FÉLIX E DUDA

Os colaboradores Félix e Duda deram as entrevistas conjuntamente. Falando com a autoridade de quem vivenciou muitos momentos da história da empresa, eles rememoram aspectos pessoais e coletivos que demonstram o entrelaçamento entre as suas histórias e a da Tabosa.

SEU FÉLIX



“Seu José Félix” conhece seu Nildo desde quando ele começou a trabalhar na Caruaruense. Foi, inclusive, seu instrutor. Entre os dois desenvolveu-se, com o passar dos anos, uma forte amizade. Tem, com o trabalho, uma relação afetiva: *“Coisa boa é você tá trabalhando num canto que gosta e com um pessoal que você gosta”*.

Os Tabosa: amigos e patrões

Eu trabalhei aqui doze anos. Ou melhor, dez anos, porque... Depois eu me aposentei. Eu cheguei como os outros chegam, necessitado pra trabalhar e, na hora, Seu Nildo coçou a cabeça pra ver o que fazia pra me colocar. Porque antes ele trabalhou comigo na Caruaruense, na década de sessenta. Sei que ele trabalhou uma temporada de cobrador na Caruaruense. Só que eu saí primeiro do que ele, eu saí na década de setenta e ele ficou, trabalhou uma temporada. Seu Clóvis, que era o irmão dele, trabalhava também na oficina, era montador de diferencial, caixa, essas coisas... Mas, nessa época, Seu Clóvis já tava com essa reforma aqui. Aí, portanto, quando ele saiu, se-

gundo ele me disse... Ele me falou que é... Comprou uma Rural, pra carregar passageiro. Depois não deu, ele vendeu, comprou um táxi. O táxi eu conheci que era um... verdinho. Botou lá na Praça da Estação. E começou trabalhando lá, Seu Clóvis aqui e... Lá vai... trabalhando, trabalhando, depois surgiu um carrinho com uma linha, eles compraram, depois compraram outro carrinho velho e lá vai... Eu só sei que quando eu entrei aqui há doze... quer dizer, com dois que eu saí quatorze. Há quatorze anos passados eles tinham oito carrinhos velhos. Não tinha como aumentar mais, pois também não tinha linha. Aí, lá vai... Só sei que saiu se arrastando por ali... tocando o barco, com garra mesmo, que ele tem garra e tem coragem e merece. Aí foi quando surgiu a linha do Shopping. Eu só sei que... Aí, as coisas começaram a melhorar pra ele, né? Sei que foram umas três empresas concorrer aí com ele e ele ganhou a concorrência. Depois teve esse bairro aí... o Inocoop. Foi melhorando... Só sei... Pra encurtar a história, hoje tão bem e merecem muito mais. Porque aí o homem... Acho que em Pernambuco não tem um empresário que nem ele, de tratar o funcionário... Ele é uma pessoa excelente mesmo. Ele tem uma mola: você precisando dele, não sabe fazer assim [Balança a cabeça negativamente], ele só sabe fazer assim [Balança a cabeça positivamente]. É uma pessoa excelente. Eu saí daqui faz dois anos, vai pra três. Quando eu peço a ele um trocado emprestado... Só venho aqui. Me dá cortesia pra minha mulher, minha filha andar aí pro centro, tudo. É uma pessoa excelente Seu Nildo. Ave, Maria! Quando ele entrou na Caruaruense, ele ainda era de menor, não tinha nem dezoito anos. Então eu tenho ele como um da família que eu mais gosto, você ta entendendo? Eu pegava até uma arengazinha quando vinha o povo falar dele. Quer dizer: o camarada que abre a boca pra falar de um homem desse, ele não é cristão não. É um animal. Porque... Às vezes tem um camarada que quer andar errado e não quer ser chamado atenção, não quer levar uma... Ou melhor, eu não me lembro, o

tempo que eu trabalhei aqui, se eu vi ele dar suspensão a alguém aqui. Não me lembro não. Se ele deu, não me lembro, não. É uma pessoa que tolera, dá conselho, manda trabalhar: é que nem o pai com o filho, rapaz. Esse não é pai com filho, não. Ele é mãe com filho. Trabalhei na Caruaruense, Progresso, Princesa, Itapemirim.

Tempo do descanso

Eu me apresentei com 65 anos, trabalhei até... Me aposentei em 1999... Que eles antes disseram: “Olha, Félix, você só sai daqui quando se aposentar ou mesmo até não agüentar trabalhar”. Eu digo: “Tá certo!”. Aí, eu me aposentei, né? Ele disse: “Vamo continuar?”. Eu digo: “Vou continuar até o último ano”. Aí, abri os 60 anos ainda trabalhava, mas depois comecei a inchar os pés e... Fiquei muito abatido, abatido mesmo. Vi que não tava agüentando mais. Aí, do jeito que eu pedi pra entrar na empresa, pedi pra sai. Um problema muito sério aqui, no qual, tá ele aí pra dizer, que eu não podia trabalhar; porque ele merece que não vá fazer sacanagem com ele, não, porque ele é um homem completo. É. E foi o caso de eu não ter continuado. Agora... hoje, à vista do que eu tava quando eu larguei o serviço, hoje eu tô forte, to com saúde. Mas, quando eu larguei, eu tava arrastando os pés a pulso. Eu fazendo com que... Vendo se eu me recuperava pra trabalhar mais, porque... Se eu tivesse mais saúde e eles me aceitassem, eu ainda ia trabalhar mais, porque é ruim demais estar sem fazer nada.

Sempre trabalhando em empresas de ônibus

Trabalhei como cobrador, na Itapemirim. Eu fui bilheteiro na Rodoviária, depois eu vim pra garagem, trabalhar como segurança e, na Princesa do Agreste, fui encarregado do setor da Bahia durante seis anos.

Sobre a relação empresa/ usuário

Hoje, que todo dia eu tô no centro, é muito difícil ver uma pessoa... quando vejo um falar mal da empresa é um bêbado, é um carona que quer andar de graça todo dia. Porque Seu Nildo, quando eu trabalhava, dizia: “Olha, Zé Félix, nunca deixe de mandar o passageiro pela porta da frente... aquele que não tem o dinheiro da passagem, pode mandar”. Tinha uns que você mandava uma, mandava duas, mandava três, aí não é possível! É o caso que quando dá um, dois, três... Uma ou outra vez fica falando mal da empresa. É reclamação dessa natureza: que querem andar de graça na empresa e a empresa não vai ter condições de carregar gente de graça todo dia, né? Mas, sobre os órgãos, eu não vejo reclamação de jeito nenhum. Sai na rádio, de vez em quando, umas críticas, né? Mas é gente... Uns imbecis, uns imbecis. Gente de responsabilidade não difama uma... Vamos supor: uma empresa como essa ou outra qualquer que seja organizada, não vai reclamar. É gente que quer aparecer; aí, vai falar mal na rádio.

A importância das reuniões

Olhe, é debate... é orientação. Mais orientação no modo de tratar o passageiro, saber lidar com o passageiro. Porque a empresa vive de passageiro. Então, é saber ajeitar o passageiro, tratar bem, é... Esse pessoal da terceira idade. Também tratar bem esse pessoal que tem suas carteiras, que tem direito de entrar pela porta dianteira, a gente dá a maior cobertura... E, o seguinte é esse: é fazer por onde tratar bem todo usuário que há na empresa, né? As reuniões sempre são essas. Às vezes vai haver uma modificação no horário, uma modificação de linha... Essas coisas assim.

SEU DUDA



Homem trabalhador, “Seu Duda” começou junto com a empresa, sendo um dos seus primeiros colaboradores. Quanto tempo trabalha na empresa? Ele mesmo responde: “*Rapaz, faz uns 30 anos*”.

Uma vida dedicada ao trabalho na empresa

Desde quando começou essa empresa que eu trabalho aqui. Faz uns 30 anos. Essa empresa começou com quatro carrinhos velhos. Compraram quatro carrinhos velhos. Aí, numa sexta-feira chegaram os carros. Tudo quebrado: cano de escape num canto, cadeira pra outro, a maior bagunça do mundo. Aí começamos a trabalhar, trabalhar de dia a noite. Pra botar e... saindo do ônibus, sabe? Pra botar pra ir rodar. Aí começamos trabalhar de dia a noite, direto, sem parar. Aí, foi indo, indo; aí, depois comprou outros carrinho velho; aí, foi comprando pra ir reformando, pra aumentar mais uma coisinha os carros, né? Pra ir aumentando mais. Mas sempre o problema era o mesmo. Aqui eu cheguei através do Clóvis, irmão de Seu Nildo. É dono também. Aí, tinha uma oficina; aí, eu me encostei pra ir trabalhando, fazendo serviço de freio, mexendo uma coisa e outra. Aí depois foi quando eles apanharam essa empresa; aí, quando apanharam, me chamaram pra trabalhar. Aí, fiquei trabalhando com eles.

O formal e o informal nas relações de trabalho.

Saleta é fora de série. É gente boa, boa mesmo. Pra tudo, tudo mesmo. O que você precisar dela... A menina dela é a

mesma coisa. Na empresa... Aqui você vê... Pronto, a turma todinha recebe hoje. Amanhã já vem precisando de um vale, pode vir amanhã que amanhã ele... É muito difícil uma empresa fazer isso. Tem muita empresa aqui que não faz isso, não. Aqui a gente não se preocupa com a farmácia, não se ocupa com bujão, água... Só é ligar que chega na hora. É... agora a empresa paga, né? Fim de mês ela acerta, mas o que a gente precisar é só pedir, farmácia, bujão de gás, que chega na hora.

DONA ROSELMA



Mulher tímida, de meia idade. Cobradora, “Dona Roselma” chegou à empresa em 2001, realizando um desejo que mantinha, há algum tempo, de trabalhar na Tabosa. Desejo este alimentado pelas boas informações que recebia da empresa (como sua forma de tratar os funcionários, sua organização, etc.) e materializado graças a sua persistência e obstinação.

Chegada à Tabosa

Eu sempre procurei esse emprego. Vinha muito aqui, botava currículo, mas a oferta de... de currículos aqui é muito grande, porque a nossa empresa desperta nas pessoas uma atração muito grande. Por... pela organização, né? As pessoas lá fora percebem. Então, eu sempre vinha... colocava currículo, ficava desesperada porque não conseguia. Aí, um dia eu conheci uma pessoa muito amiga de Seu Nildo, falei com ela, mostrei meu currículo. Aí, ele disse: “Rapaz, eu vou lá conversar com ele, ver o que é que eu posso fazer por você”. Depois de dois dias eu fui chamada, fiz uma entrevista com Chrystianne e depois dessa entrevista eu já recebi o meu fardamento. Isso foi em maio de 2001.

Identificação dos funcionários com a Tabosa

Aqui todo mundo trabalha com organização e carinho, que todo mundo trabalha com aquela dedicação, que todo mundo faz com carinho. Então, a gente é bem representado, eu acho que a gente representa bem... Eu acho não, eu tenho certeza que a gente representa bem a empresa Tabosa. Tenho uma afetividade

pela Empresa porque ela participa muito da vida pessoal da gente. Como também todos os eventos do ano todo, como Natal, Páscoa... Tudo a gente é lembrado com festividades. Nunca passa em branco nenhuma dessas coisas.

Desconstruindo preconceitos

No início, o que minhas colegas relatam é que houve uma certa pressão, é, assim, dos próprios colegas, né? Porque sentiram que estavam perdendo... o ambiente pras mulheres, né? Geralmente não foi muito bem visto, mas depois todo mundo viu que não tinha nada a ver uma coisa com a outra e a gente sempre é bem aceita e bem vinda, em todo local que a gente chega.

Relações com os padrões e momentos de sociabilidade

Gosto muito dele. Sempre que eu procuro, seja um problema meu ou da empresa, sou muito bem recebida. Já precisei me ausentar da empresa por 18 dias... e não houve nenhum constrangimento da parte dele... nada. Fui muito bem aceita, com a proposta que fiz... Não houve nenhum problema... e quando voltei tudo normal. Eu tenho 4 anos na empresa e, desde que cheguei, existe um cafezinho pra gente aqui de manhã, né? Que, quando a gente fala lá fora, todo mundo admira demais. Que a partir das cinco horas a gente tem um cafezinho aqui, todo funcionário que vai chegando toma seu cafezinho pra depois iniciar o seu horário de trabalho e isso aí é gratificante porque a gente vê o carinho com a gente, que aqui em Caruaru não existe nenhuma empresa que faça isso. Existem, sim, funcionários de outras empresas que passam por aqui nesse horário, dão uma chegadinha pra tomar um cafezinho.

Sujeitos, papéis e disputas na empresa Tabosa

Todas as funções são importantes aqui, né? Desde o

lavador de ônibus, até o motorista, o dono da empresa... A função de Seu Clóvis é importante porque ele entende da parte mecânica, né? Pintura, essas coisas... Tudo o que acontece com o carro, pode procurar ele que ele tá pronto pra responder. Eu acho que ele é chefe aqui na garagem geral, porque todo problema de carro é ele que resolve, né? E às vezes, quando tem, assim, alguma batida, ele sempre vai, porque ninguém entende, né? Das coisas, assim. Seu Nildo, no setor de administração, é uma personalidade muito importante na empresa, né? Sem ele acho que vai ficar um pouco difícil, apesar de que tem pessoas capacitadas pra substituir, mas ele é uma peça fundamental na empresa. Dona Salete também. A gente, mulher, que trabalha aqui, qualquer problema recorre a ela, né? E ela, também, sempre que a gente procura, não mede distância, conversa, dialoga. Seu Rubens é a parte de eletricitista. É... procura ver se a lâmpada não acendeu, o farol tá... Aí, tem que chamar Seu... Ele e Guga, né? Que Guga também faz parte desse setor. Clemlilton já é mais como se fosse um departamento pessoal, né? E eu acho que aqui ninguém tem nada a reclamar dos administradores, não. Pode ser que alguém tenha, mas eu acho difícil, porque a gente nunca procura pra estar com a porta fechada. Sempre está aberta. Eles nunca deixaram transparecer pra gente se tinha alguma disputa. Nada disso, não. Porque, até mesmo... Eu tenho certeza que não existe porque a gente vê aquele amor, carinho deles um com o outro, né? Então, eu acredito que não existe nenhum problema entre eles, não.

A importância dos usuários

A gente sempre procura ter ônibus limpos, bem organizados, a empresa tem uma frota de ônibus quase... novos, né? Semi-novos e novos. Ela sempre procura estar trocando, quer dizer, que ela procura fazer o melhor pra o usuário, né? Porque, às vezes, tem usuário que é muito complicado, não agrada nada,

né? Reclama de tudo. Tem usuário que reclama de tudo. Reclama porque o ônibus parou assim, reclama porque não foi na parada exata, mas isso é uma raridade. São pessoas raras. Sempre as pessoas elogiam e nos recebemos a instrução de que devemos tratar bem, né? Fazer o possível para não desagradar... Na época junina, por exemplo: a empresa tem três tipos de horário. O último ônibus da noite vai encontrar com o primeiro do dia. Tá vendo como ele trata bem o usuário em festa, né? Porque ele não deixa que o usuário fique numa rua... Olha, a maioria dos usuários é bem amiga da gente. Porque às vezes a gente permanece muito tempo numa linha e, quando a gente permanece meses, a gente vai fazendo um ciclo de amizade.

As reuniões

Nas reuniões, se debate o dia-a-dia do nosso trabalho. Às vezes alguma modificação que vai haver no trânsito, nos horários... Pra lembrar um encontro festivo.

O que espera da empresa

Espero que ela cresça muito, porque, cada vez que ela crescer, a gente tem o nosso emprego garantido e outras pessoas lá fora, que tão precisando de emprego, serão aceitas.

Conclusão

Em tempos tão marcados pelo ritmo da velocidade e das mudanças, somos instados a olhar sempre na direção de um futuro que se apresenta como promissor. A ansiedade pelo amanhã produz uma vaga lembrança do que fomos no passado.

Deste modo, muitas coisas importantes da nossa existência ficam quase que completamente jogadas no esquecimento. Desaprendemos a lembrar e também a narrar nossas experiências individuais e coletivas. Nestes momentos de poucas luzes e muitas sombras, precisamos reverberar memórias tornando-as visíveis e legíveis.

Na mitologia grega, havia uma divindade chamada *Lêthe*, cuja função era produzir o esquecimento. O papel das musas *Mnemosyne* (a memória) e *Clio* (a história) era a de fazer com que as ações humanas não fossem ignoradas e esquecidas. Cabia ao historiador, nas palavras de Vernant, “toda uma técnica de demonstração, de reconstrução do plausível e do provável”.⁷ Uma das tarefas do historiador era a de ordenar e organizar as memórias, os documentos escritos e dar inteligibilidade às narrativas tornando-as conhecidas de um público maior.

Creemos que esta também foi a nossa tarefa. Organizar e dar visibilidade àquilo que de algum modo já existia enquanto imagens, textos e principalmente memórias dos proprietários e

⁷ VERNANT, J. Apud. HERING, Fábio Adriano. *O exílio de Heródoto: do juízo de Tucídides à sua apropriação moderna*. In: LOPES, Marcos Antônio (org.) *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 87.

funcionários da Empresa Tabosa. Buscamos, sobretudo, no segundo e terceiro capítulo, deixar a narrativa seguir as trilhas da memória, interferindo apenas na disposição dos tópicos e na seleção dos trechos das entrevistas relacionados aos objetivos do trabalho. Seguimos uma opção metodológica na qual as narrativas falassem por si mesmas. Sabemos, contudo, que esse texto, como qualquer outro, não está totalmente depurado de julgamentos e juízos de valor. Não perseguimos a idéia de uma verdade a ser revelada, tirada de um lugar invisível e secreto. Deixamos que a memória e as palavras dos entrevistados fossem o espelho de sua verdade. Foram suas palavras evocadas das lembranças que trouxeram para o presente as imagens de um passado desejado, reprimido, esquecido, feliz. Pode-se dizer que cada palavra que veio a se materializar na forma desse texto já se encontrava escrita nos corpos dos próprios narradores. As falas, muitas vezes, se repetem porque os depoentes compartilham de experiências e imaginários comuns. Partem de vivências semelhantes, compartilhadas, por vezes, nos mesmos lugares (a empresa, a cidade, a zona rural), nas mesmas profissões, fundadas nos mesmos valores.

Não podemos esquecer que o corpo está cheio de memórias. E as palavras servem como pontes que nos ligam às coisas e aos outros seres humanos. Somos feitos de palavras e é através delas que conquistamos nossa existência — “*E o verbo se fez carne*”, como nos ensina a nossa vivência cristã. Assim acontece com as memórias, quando deixam os corpos para se transformarem em palavras materializadas no papel. Elas se transfiguram e adquirem outra corporeidade, pois passam a ser lidas, interpretadas e julgadas de outra forma. As histórias lidas e traduzidas por outras pessoas ganham autonomia. Ao contrário

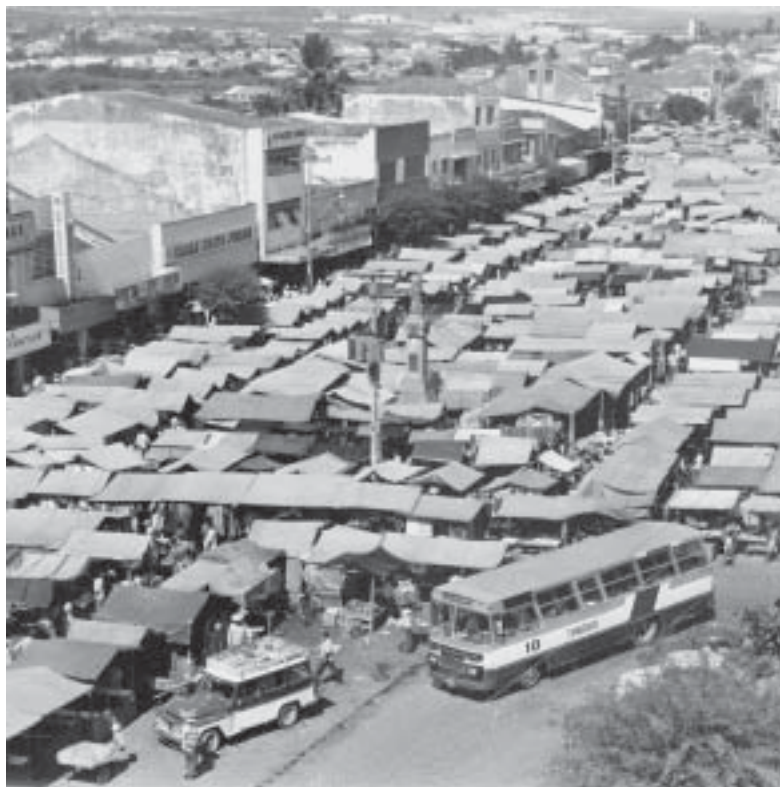
de se constituir como algo negativo, no entanto, tal diversidade de percepções assinala a própria força do texto: uma vez que é o outro, aquele que está do lado de fora, que tem a possibilidade de nos questionar e redefinir.

Na história da Tabosa, os ‘seus outros’, isto é, aqueles em condições de lhes atribuir outras interpretações, têm agora, em mãos, um documento com o qual podem divergir ou concordar.

Bibliografia

- ADILSON FILHO, José. *A cidade atravessada: velhos e novos cenários da política belojardinense*. Recife: Dissertação de mestrado em História (UFPE), 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- _____. *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *Memória e História*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: 1988.
- LOPES, Marcos Antônio (org.) *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: contexto, 2005.
- REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *(Des) encantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.
- SILVA, Jaílson Pereira da. *O encanto da velocidade: automóveis, aviões e outras maravilhas no Recife dos anos 20*. Recife: Dissertação de mestrado em História (UFPE), 2002.

ANEXOS



Antiga feira de Caruaru (Rua 15 de Novembro). Em destaque, vê-se um ônibus da Tabosa.



Choque entre um ônibus da tabosa e um fusca no centro da cidade. Podemos perceber a curiosidade de diversas pessoas, direcionando seu olhar mais para o fotógrafo do que mesmo para o acidente.



Desde cedo, Seu Nildo já era aficcionado pelos transportes. Uma paixão que só fez evoluir e que perdura até os dias atuais.



Seu Nildo sentado no Aerowyllis, numa pose que lembra “James Dean”. A fotografia, além de revelar um estilo de vida cultivada por alguns jovens das décadas de 50 e 60, marca a trajetória de Seu Nildo, que nesta época era um taxista.



O ônibus da Tabosa parado em frente à Fafica. O trajeto Centro - Petrópolis é bastante movimentado, pois transporta feirantes, vendedores, operários e, principalmente, dezenas de estudantes à Fafica.



Os primeiros ônibus da Tabosa. A imagem também serve para nos ilustrar as mudanças nas cores, logomarca, design e qualidade dos transportes.



Vila contra o Mocambo.

Esta foto assinala uma expansão dos trajetos da Tabosa, ao mesmo tempo em que nos mostra como ela acompanhou parcialmente o ritmo da cidade. A Tabosa chega às áreas distantes do centro da cidade.



Trabalho e lazer: a Tabosa e outros espaços de convivência.



Sempre a tenta às datas comemorativas (Dia das Mães, Páscoa, Dia das Crianças, São João...), a Tabosa transforma seus ônibus num espaço de celebração desses momentos.





A Tabosa atenta às novas demanda sociais.



Reunião da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes)



Clemilton (representando a Tabosa) comemora a Páscoa com grupos ligados à ATIC (Associação da Terceira Idade de Caruaru).



Padre Everaldo e um funcionário da Tabosa, num gesto simbólico, celebram a páscoa.



Linha Shopping Caruaru. Marco significativo na expansão da empresa.



Seu Nildo, quando jovem, trabalhando na Caruaruense



Chrystianne Tabosa (participando de Seminário Nacional em Brasília) ao lado de Mônica Nunes (Diretora do Departamento de Transporte e Trânsito de Caruaru) e Glaube Leonel (Diretor da Empresa Coletivos).



Clemildo, Rogério (Caio) e Clóvis em evento em Recife (2004).



Reunião com motoristas e pessoal de operação. No primeiro plano temos: Clemildo, Clemilton, Paulo, Airton e Rubens Júnior; no segundo: José Gomes, José Rodrigues, José Nilton, Egídio e José Francisco.



Clemildo Tabosa regressando de sua primeira viagem à São Paulo, conduzindo mais um ônibus novo para atender à população.

Perfil da Tabosa

Clemilton Fernando Barbosa Tabosa

Nascida em 1975, a Tabosa tem se mostrado uma empresa que sabe congrega a necessidade de crescimento, expansão com a salvaguarda de valores humanos, tais como família, trabalho, compromisso, dedicação, respeito, orgulho. O amor e o prazer são ingredientes também presentes na luta diária. A missão da empresa tem sido transportar com amor, qualidade e segurança, respeitando a diversidade das pessoas que circulam nos nossos coletivos, na sua necessidade de ir e vir.

A empresa teve como idealizador e fundador Clemildo, que percebeu todo o potencial de crescimento e desenvolvimento do empreendimento que a ele era apresentado. Respalado por uma educação materna que apregoava a união e a partilha entre os irmãos, com a família, resolveu após dois anos e dois meses de existência da empresa, partilhá-la com seus irmãos: Clóvis e Rubens. Neste projeto/sonho de colaboração mútua, a empresa ganharia força. Nildo (como é conhecido Clemildo), *perito* na arte-ciência de transportar e no trato humano, marcado pelo respeito e sensibilidade; Clóvis, *expert* no entendimento das características mecânicas e funcionais dos veículos e Rubens, conhecedor das leis que regem a circulação de veículos, uniriam seus esforços e experiências num empreendimento de relevância para todos: o transporte. Salete é figura e presença importante nos *passos largos* que a empresa tem dado, emprestando ousadia, confiança, dedicação, sensibilidade e firmeza aos atos que empreende, quer esteja em cena

ou nos bastidores. A empresa passou a contar em sua história recente com as contribuições e demandas dos seus filhos. Chrystianne tem se destacado pelo zelo e empenho para continuidade da empresa.

A gestão da empresa é realizada por – digamos – um *corpo diretor*, no qual cada membro exhibe um aspecto importante para que a organização como um todo realize cotidianamente sua missão. Clemildo, Salete e Chrystianne são os membros que compõem a direção da organização, congregando, dessa forma, sensibilidade, razão e ânimo para o bom funcionamento da empresa.

A Tabosa conta hoje com um quadro de 116 colaboradores internos, distribuídos entre pessoal de operação (motoristas, cobradoras/es e fiscais), garagem (com pessoas que realizam serviços de mecânica, borracharia, limpeza, eletricidade e lanternagem) e escritório. Deste total, 31% são mulheres, com presença marcante na função de cobradora. As mulheres, vale acrescentar, ocupam 84 % dos lugares destinados a função de cobradora.

Atende às seguintes linhas urbanas: Linha 104 (Jardim Liberdade/Via Petrópolis), Linha 129 (Loteamento Antônio Liberato), Linha 140 (North Shopping), Linha 140 (Vila Serena), Linha 410 (Vassoural/Via Santa Rosa), Linha 410 (Vassoural/Via Rosanópolis), Linha 410 (Santa Rosa/Via Rosanópolis), Linha 420 (Santa Rosa/Via Vassoural), Linha 421 (Bairro Agamenon/Terminal Rodoviário), Linha 431 (Bairro Agamenon/Via Pitombeira), Linha 432 (Bairro Agamenon/Hospital Regional do Agreste. Faz, ainda, as linhas rurais de código 160 (Maniçoba/Serrote dos Bois e Xique Xique). Responde por 24 % do

número de passageiros transportados por mês em todo sistema de transporte de Caruaru, sendo a segunda maior empresa em número de passageiros transportados. A sua frota é de 30 veículos – desses, 20 constituem sua frota ativa, com idade média de 6 anos.

Há cerca de nove (09) meses se instalou em um espaço próprio, uma garagem moderna que atende aos requisitos arquitetônicos, funcionais e estéticos para o adequado desempenho do trabalho de todos os que fazem parte da empresa.

A responsabilidade social perpassa a empresa desde os seus primórdios, sendo visualizada de dentro para fora. Responsabilidade social que se concretiza a partir mesmo do seu interior, no respeito e cuidado com os colaboradores, atitude propalada inicialmente pelo seu fundador, que, tendo começado de *baixo*, como se diz, sabe o que é estar na condição de funcionário, conhece suas necessidades, desejos, receios e medos. Espalha-se pela comunidade que a envolve na orientação do tratamento respeitoso aos idosos e crianças, no zelo pelo meio ambiente, na colaboração para que as pessoas possam circular, dinamizando assim nossa querida cidade.

O respeito e valorização dos nossos colaboradores é um dos valores difundidos e colocados em prática pelo corpo diretor. Esses valores, expressos através de ações e gestos concretos, têm o alcance de orientar pedagogicamente os colaboradores acerca das atitudes e comportamentos frente aos nossos usuários, de, por vezes, contagiá-los na forma como devem tratar as pessoas que utilizam nossos ônibus.

Convênios com clube de lazer, com distribuidoras de gás, com farmácias, café da manhã **com e para** os colaborado-

res internos, celebrações dos momentos fortes de nossa fé e tradição, tais como Confraternização Natalina e Encontro de Páscoa, enfim, sobretudo, a presença cotidiana de Nildo e Clóvis – inclui-se aqui a participação de Dona Salete – que, tendo vivido *na pele* a experiência de trabalhar como motorista, cobrador, mecânico, sabe conhecer e atender, pelo menos em parte, as necessidades de seus colaboradores.

Como marca do tratamento respeitoso apregoados, sobretudo dirigido às pessoas idosas, ampliou a empresa a oferta de ônibus no horário da Missa da Graça, na qual é numerosa a participação de pessoas da terceira idade; adaptou os veículos, para facilitar o acesso dessas pessoas ao interior dos mesmos, colocou ferros que funcionam como corrimão na tampa do motor; abre espaço em eventos para que mostrem seus talentos, para que, fazendo uso da palavra, dirijam-nos críticas e sugestões. Para possibilitar o ir e vim dos *cadeirantes*, além de ratear financeiramente com as outras empresas o custo com vans que realizam o transporte porta a porta, adquiriu recentemente quatro (04) novos veículos acessíveis (com elevadores). Entendendo a necessidade de locomoção das pessoas, disponibiliza dentro das possibilidades gratuitamente ou a custo *simbólico* ônibus para eventos como enterros, transporte de escolares, entre outros. Também foi pioneira em trazer para a pauta de discussão dos empresários do setor a necessidade de ações mais criativas para a diminuição dos índices de aumento tarifário, tais como subsídios indiretos fornecidos pelos poderes públicos (redução de impostos, entre outros), conforme orientação nacional. Para tornar os deslocamentos ainda mais agradáveis e seguros, investe na constante renovação da frota através de Con-

sórcios (sendo o Consórcio Rodobens o mais utilizado), instalou câmeras e aparelhos de televisão no interior de seus coletivos. Não deixa passar *em branco* datas significativas para as pessoas (Dia dos Pais, das Mães, da Mulher, das Crianças, Natal, Ano Novo, São João, entre outras), dirigindo mensagens através dos pára-brisas dos ônibus. Para contribuir com projetos e ações de reconhecida capacidade de transformação das pessoas e comunidades, de instauração de um mundo mais justo e fraterno é parceira da ASPROMA (Associação dos Protetores do Meio Ambiente) e do CEPA (Centro de Educação Popular Assunção).

Por fim, a Tabosa é uma empresa na qual transportar é mais do que uma atividade cotidiana, labuta diária, *ganha pão* dos que nela trabalham... é – deve ser – **missão** assumida com todo o corpo, sobremaneira, com o *coração*, pelos que dela fazem parte.

Este livro foi concluído em agosto de 2006
nas oficinas da Comunigraf Editora, no Recife.
Está composto no formato 15 x 21 cm,
fonte Times New Roman, corpo 12,
entrelinha simples, papel pólen soft 85 gramas,
capa no cartão supremo 240 gramas, plastificação brilho.